



Faculdade de Ciências da Saúde - FACS

Curso de Psicologia

Desenvolvimento Emocional em Análise Transacional

Sara Pires de Castro

Brasília

Novembro de 2003

Sara Pires de Castro

Desenvolvimento Emocional em Análise Transacional

Monografia
apresentada como
requisito para a
conclusão do curso
de Psicologia do
UniCEUB –
Centro
Universitário de
Brasília.

Brasília, novembro de 2003

Agradecimentos

Não quero ser injusta, e, por isso, inicialmente quero agradecer a todos aqueles que contribuíram direta ou indiretamente para a realização desta monografia. Em especial aos meus pais e irmãos pelo apoio durante este semestre corrido e agitado; a Reni, pelos momentos de reflexão conjunta; ao Suail pelo auxílio com a leitura; ao prof. Orientador Fernando Rey, pela honestidade e incentivo; a Suzana, por sua atuação tão inspiradora; aos meus tios e minha prima Cris por cederem um cantinho da sua casa e do seu tempo para que eu pudesse produzir; a Roberta pela disponibilidade de auxílio. E a Deus, pela presença constante e fortalecedora.

Muito obrigada!!!!

Sumário

Resumo

Introdução

Desenvolvimento Emocional em Análise Transacional.....	7
Eric Berne e o desenvolvimento da Análise Transacional.....	7
A abordagem de Análise Transacional.....	13
Diferenciando Análise Transacional e Psicanálise.....	15
Porque a abordagem de Análise Transacional.....	18
As emoções na visão da Análise Transacional.....	20
Proposta da monografia e objetivos.....	24
Objetivos Gerais.....	25
Objetivos Específicos.....	25
Epistemologia Qualitativa e Metodologia de Pesquisa.....	27
Estudos de Caso.....	32
1º Caso-Monique.....	32
2º Caso-Mônica.....	37
Discussão.....	43
1º Caso.....	43
2º Caso.....	46
Conclusão.....	52
Referências Bibliográficas.....	54
Anexos.....	55

Resumo

A monografia utiliza o referencial teórico da Análise Transacional e tem o objetivo de favorecer o abandono do disfarce, enquanto gerador de sofrimento e limitação, bem como a expressão de emoções autênticas, denominando esse processo como desenvolvimento emocional. Para tanto, faz uso da metodologia qualitativa de pesquisa, tomando dois estudos de caso de clientes da Clínica de Psicologia do UniCEUB – CENFOR, cada qual com sete sessões. É realizada uma análise crítica e interpretativa dos casos, pela visão da pesquisadora, que dialoga com o referencial da Análise Transacional. Conclui-se que nem todos os objetivos propostos foram alcançados tendo contribuído para tanto a frágil sustentação teórica existente nesse tema.

Introdução

A presente monografia tem o propósito de tratar a respeito do tema Desenvolvimento Emocional na perspectiva da abordagem de Análise Transacional. Eric Berne, o criador da abordagem, realizou uma diferenciação entre as emoções autênticas e as substitutivas também chamadas disfarces, tendo as emoções autênticas função de sobrevivência individual e continuação da espécie e sendo reduzidas ao número de cinco. Já os disfarces teriam uma função de substituição de emoções autênticas quando a expressão destas é suprimida na infância. Posteriormente, outros autores teorizaram a respeito da modificação de uma emoção autêntica para um disfarce, tendo em vista o padrão emocional familiar que estabelece as emoções aceitáveis e não aceitáveis bem como a intensidade e o modo de sua expressão na família.

As emoções são apresentadas como constituintes do estado de ego Criança, que se subdivide em Criança Livre, aquela que desfruta emocionalmente a vida e Criança Adaptada Submissa ou Rebelde, ambas possuindo padrões emocionais característicos já conhecidos.

O disfarce é apresentado por autores como Crema e Pedreira constituindo-se em sofrimento para o ser humano na medida em que é pernicioso a sua saúde, uma vez que encobre o sentir e expressar de emoções autênticas.

Observa-se uma insuficiência em termos de literatura a respeito do processo de abandono do disfarce e expressão de emoções autênticas, o qual denominamos de desenvolvimento emocional, uma vez que se observa a falta de sustentação teórica para o processo de desenvolvimento emocional.

Assim, o problema da monografia é o disfarce enquanto gerador de sofrimento e limitações na vida do cliente em processo psicoterapêutico. Com base neste problema estabelece-se enquanto objetivo geral: O favorecimento do abandono do disfarce e a expressão de emoções autênticas. E enquanto objetivos específicos: A identificação da relação terapêutica dos disfarces, bem como suas limitações e os benefícios advindos do mesmo; A observação do conflito intrapsíquico, entre os estados de ego, no qual está envolvido o disfarce; A estimulação do acordo intrapsíquico entre os estados de ego, e; O incentivo da expressão de emoções autênticas.

No processo psicoterapêutico é freqüente a observação da estagnação em questões emocionais que passam a se expressar de modo repetitivo. Dessa maneira, o intuito da monografia é possibilitar o aperfeiçoamento na prática clínica do processo de desenvolvimento emocional, favorecendo a compreensão prática do mesmo e a reflexão teórica a ele relacionada, contribuindo para minha formação em psicologia clínica.

A metodologia utilizada será a qualitativa, já que possibilita uma pesquisa da subjetividade dos sujeitos nela envolvidos, permitindo o estudo de complexas singularidades. A fim de realizar a pesquisa prática do tema, utilizaremos dois estudos de caso de clientes do sexo feminino da Clínica de Psicologia do UniCEUB – CENFOR atendidas no projeto de Análise Transacional. Tomaremos para fins de análise sete sessões de cada cliente sobre as quais passaremos a discutir através da análise crítica, elaborações e interpretações da pesquisadora que serão dialogadas com a teoria de Análise Transacional.

Desenvolvimento Emocional em Análise Transacional

Eric Berne e o desenvolvimento da Análise Transacional

A Análise Transacional é uma abordagem terapêutica que foi elaborada por Eric Berne. Essa elaboração se deu de forma gradativa na vida de seu pensador, e nesse sentido, é válido entender quem foi esse homem e que aspectos familiares, sociais, políticos e culturais foram relevantes para a elaboração de sua abordagem.

Eric Berne nasceu em Montreal, Quebec, Canadá, em maio de 1910. Era o primeiro filho do casal David Hillel Bernstein e Sarah Gordon Bernstein e recebeu o nome de Eric Lennard Bernstein, que veio a modificar mais tarde. Sua família era judia e havia imigrado da Rússia e da Polônia algumas gerações antes. O pai de Eric era médico e atuava como clínico geral além de ser general da ativa. Sua mãe era jornalista e escritora profissional. Eric possuía uma irmã cinco anos mais nova que ele, chamada Grace (Cobra, 1998).

A população canadense fala predominantemente a língua inglesa e a minoria fala francês. Mas em Montreal, maior cidade do Canadá, situada na província de Quebec, o quadro se inverte. Há uma série de rivalidades entre os canadenses que falam francês e inglês devido, principalmente, a diferenças econômicas e religiosas. No início do século passado, havia um movimento no sentido de tornar Quebec independente do Canadá. Isto tornava a região grande foco de conflitos políticos e culturais (Oliveira, 1980).

Eric e sua família, de origem judaica, faziam parte de uma minoria de judeus que moravam em Quebec e costumavam falar um inglês com sotaque bem característico, o que fazia com que fossem menosprezados por canadenses de língua inglesa e francesa (Oliveira, 1980).

O pai de Eric possuía uma clínica de atendimento gratuito num bairro predominantemente judeu em Montreal. Esse bairro possuía condições precárias de saneamento. Havia casas de jogos e teatros de baixo nível. Era um bairro habitado por pessoas perigosas e também por prostitutas. Sarah Bernstein considerara o local impróprio para a educação de seus filhos e não os queria ali, apesar de seu marido freqüentar bastante a região. Sarah parecia ter razões consideráveis para não querer os filhos no bairro, contudo, relaciona-se a esta situação o fato de certa vez ter sido obrigada a ocultar seu

sobrenome judeu para poder lecionar numa escola protestante. É como se Eric tivesse recebido permissão de seu pai para ser judeu, mas não de sua mãe (Oliveira, 1980).

Aos 10 anos de idade Eric perdeu o pai, a quem era muito ligado. Seu pai faleceu prematuramente de tuberculose. Já adulto, lembrava-se com saudade das visitas médicas que fazia com ele à casa de seus pacientes. Anos mais tarde, Eric formou-se em Medicina na universidade de McGill, onde se graduaram seu pai e sua mãe. Ali, pôde ter acesso aos experimentos de Penfiel, cujo conhecimento veio a utilizar posteriormente na estruturação de sua abordagem (Cobra, 1998).

Pouco depois de se formar, em 1935, Eric iniciou sua atividade profissional em New Jersey, Estados Unidos, onde foi ser interno num hospital. Um ano depois começou sua residência em psiquiatria na Clínica Psiquiátrica da Escola de Medicina de Yale, onde permaneceu durante dois anos. Nesse período Eric decidiu viver em definitivo nos Estados Unidos. Naturalizou-se americano e mudou seu nome de Eric Lennard Bernstein para Eric Berne, abandonando o nome judeu (Cobra, 1998)

Em 1940, Eric, já estabelecido profissionalmente, veio a se casar com Ruth, sua primeira esposa, com quem teve dois filhos. Em 1941 Eric iniciou seu treinamento e sua análise didática no Instituto Psicanalítico de Nova York. Seu analista foi Paul Federn, que teve influência não somente na vida pessoal de Berne como também na elaboração da Análise Transacional. Berne, segundo Oliveira (1980) afirmou:

Psicanalistas em número surpreendente notaram fenômenos estruturais, vale dizer, mudanças de estados do ego; ou então foram informados por seus pacientes sobre o que é aqui chamado o Adulto e a Criança. A surpresa reside no fato de que nenhum deles, exceto Federn e seus discípulos, dedicou qualquer consideração séria ao assunto. Federn foi o primeiro psicanalista, creio, a (...) fazer um estudo específico de diálogos internos. (p.35)

Nesse período Berne já havia escrito e publicado alguns artigos na área da psiquiatria e mostrava-se crítico em relação aos métodos então empregados em psiquiatria e psicanálise. Passou a tomar nota desses métodos a fim de escrever um livro sobre os mesmos (Oliveira, 1980)

Durante a Segunda Guerra Mundial Berne ingressou no exército americano como médico psiquiatra. Serviu de 1943 a 1946. Realizou psicoterapias de grupo nas enfermarias psiquiátricas, iniciou seus estudos sobre a intuição distanciando-se da psicanálise ortodoxa e, nos últimos dois anos de ingresso no exército, passou a realizar psicoterapia de grupo com civis próximo a Ogden, Utah. (Cobra, 1998).

Após a guerra Berne decidiu mudar-se para a Califórnia. Ali, voltou a fazer análise, dessa vez com Eric Erickson, do Instituto Psicanalítico de São Francisco. Os estudos de Erickson sobre a influência dos fatores culturais no desenvolvimento da libido influenciaram Berne, especialmente no desenvolvimento de sua teoria do argumento. Para Berne, o conceito de Erickson de “difusão de identidade” é quase o mesmo conceito de “anti-argumento” desenvolvido posteriormente em Análise Transacional.

Foi na Califórnia aonde Berne conheceu Doroty, que como ele estava divorciada e com quem veio a se casar em 1949. O casal passou a morar em Carmel com os três filhos que Doroty trouxe do primeiro casamento. Juntos, tiveram Ric e Terry. Berne e Doroty se divorciaram em 1964 (Cobra, 1998).

O período de seu segundo casamento foi especialmente produtivo para Berne. Escreveu e publicou quatro artigos de sua série de seis sobre a intuição além de escrever sobre outros temas de seu interesse. Berne havia feito análise durante dois anos com Federn e com Erickson e, ao todo, já vinha se dedicando à conquista do título de psicanalista há 15 anos. Em 1956, candidatou-se à membro da Sociedade Psicanalítica certo de que seria aceito, mas o título lhe foi negado. Oliveira (1980) coloca:

Sua esposa Dorothy testemunhou o efeito desta recusa e relatou-o: o resultado que isto causou em Eric foi devastador e catártico; ele sentiu-se aguilhoado e ferido mas, ao mesmo tempo, mais do que nunca impulsionado a trabalhar para acrescentar algo novo à psicoterapia, mesmo sem contar com as bênçãos e o apoio da irmandade psicanalítica. Quase que imediatamente, lançou-se com grande disposição ao trabalho, a fim de desenvolver por si mesmo uma nova abordagem psicoterapêutica.(p. 45).

Antes do fim do ano de 1956 Berne havia escrito os dois últimos artigos sobre intuição. No primeiro, apresentou o conceito de imagem de ego Adulto e Criança e falou sobre a importância e o valor de distingui-los em terapia. Já o segundo artigo apresentava a Análise Estrutural da personalidade como uma abordagem psicoterapêutica nova (Oliveira, 1980).

Berne nunca falou abertamente sobre sua recusa pela Sociedade Psicanalítica. Contudo, suspeita-se que ele não tenha sido considerado suficientemente submisso aos conceitos psicanalíticos. Além disso, para Berne os terapeutas deviam ser mais ativos na busca da cura de seus pacientes do que os psicanalistas tinham permissão para ser (Oliveira, 1980).

Como bases para a elaboração de sua teoria, Berne utilizou a cibernética da década de 50, as experiências de Penfield da faculdade de McGill, os estudos de Paul Federn, Eugen Kahn e H. Silberer. Além de sua própria experiência como psicoterapeuta (Oliveira, 1980).

Berne foi grandemente influenciado pelos ciberneticistas da década de 50, especialmente por Norbert Wiener e Alfred Korzybski. Em 1953, no terceiro artigo da série sobre intuição, Berne já abordava conceitos como comunicação, informação, mensagem e ruído e fazia uma analogia entre a comunicação humana e aquela transmitida por um rádio: o rádio apresenta uma mensagem manifesta, como as informações do programa de notícias, e outra mensagem latente como os estalidos, zumbidos e etc.”*Analogamente, a estática que se observa como mensagem latente na comunicação do ser humano pode ser mais reveladora que a mensagem manifesta que ele emite*”. Dusay (1977) apud Oliveira (1980, p. 47).

Vários conceitos elaborados por Berne parecem ter tido influências da cibernética. É o que ocorre com o conceito de Transação Ulterior, onde existe uma mensagem manifesta e outra velada, de natureza psicológica. Há ainda a transmissão não verbal e não consciente das mensagens argumentais (Oliveira, 1980).

Penfield realizou experiências atingindo com uma sonda a córtex cerebral de seus pacientes. Chegou a conclusão que mediante estimulação apropriada acontecimentos passados eram evocados em detalhes e, que simultaneamente, eram revividas as emoções relativas aos mesmos acontecimentos. Com base nessas experiências Berne extraiu a idéia

de que as mensagens valorativas seriam gravadas no que Berne chamou estado de ego Pai, enquanto as emoções associadas seriam gravadas no estado de ego Criança (Harris, 1997).

O termo “ego” era conhecido e já havia sido elaborado por Freud. Mas a inovação consistia na idéia de que o ego viesse a assumir diferentes estados e que estes pudessem ser observáveis, vindo a personalidade a se estruturar em estados de ego. A elaboração dessa idéia teve como base a experiência de Berne enquanto psicoterapeuta. Nesse sentido, foi relevante o atendimento de um bem sucedido advogado, que, em terapia, sentia-se e agia como um menino. Durante a sessão o cliente perguntava às vezes a Berne se ele estava falando com o advogado ou com o menino. Intrigados com essas duas “pessoas reais” Berne e seu cliente começaram a se referir à elas como o adulto e a criança, conforme Harris (1977) apud Oliveira (1980). Posteriormente, durante a psicoterapia, o cliente lembrou-se que aos oito anos de idade passara as férias numa fazenda com os pais e vestia-se como um *cowboy*. Em determinado momento foi ajudar um cowboy de verdade a retirar a sela do cavalo ao que este lhe agradeceu dizendo; obrigado, cowboy. E o menino respondeu: “Eu não sou cowboy de verdade, sou apenas um garotinho”. Relembrando-se dessa situação o cliente afirmou que era exatamente assim que se sentia: “às vezes não se sentia um advogado de fato, mas apenas um garotinho” Dusay (1971) apud Oliveira (1980, p.49).

Berne denominou estado de ego a cada uma das diferentes personalidades. Em 1957 Berne mencionou pela primeira vez o termo estados de ego no quarto artigo da série sobre intuição, vindo a explicar como havia chegado a esse conceito e citando como referência específica Paul Federn, seu antigo analista, Eugen Kahn e H.Silberer (Oliveira, 1980). Berne (1985) definiu da seguinte maneira os estados de ego:

Um estado de ego pode ser descrito fenomenologicamente como um sistema coerente de sentimentos relacionados a um dado sujeito e operacionalmente como um conjunto de padrões coerentes de comportamento; ou, ainda, do ponto de vista pragmático, como um sistema de sentimentos que motiva um conjunto de padrões de comportamento afins. (p.17).

Chamou estado de ego Adulto à forma racional e lógica de agir e estado de ego Criança ao modo criativo e infantil de comportar-se.

Inicialmente, Berne representou o diagrama estrutural da personalidade com dois círculos adjacentes: um do Adulto e outro da Criança. Berne queria expressar, com isso, que cada estado do ego era separado, completo e total. Ele estava interessado nos limites que separavam os estados de ego, em suas contaminações e exclusões. Só posteriormente Berne acrescentou ao diagrama o estado de ego Pai num novo círculo adjacente, vindo o diagrama a ficar conhecido popularmente como P-A-C, ou seja, Pai, Adulto, Criança (Oliveira, 1980).

O temo Análise Transacional foi publicado pela primeira vez em 1958 dando título a um artigo. Seu texto apresentava os conceitos do P-A-C, trazia noções de jogos psicológicos, argumento ou script de vida (Cobra, 1998). Os estados de ego Pai, Adulto e Criança foram assim conceituados por Crema (1982):

O PAI, parte parental, representa a influência e assimilação na infância de condutas, pensamentos e sentimentos dos pais (ou substitutos) (...) Suas funções básicas são de educar, proteger, alimentar, moralizar, servir de modelo, dirigir, controlar e ensinar a viver em sociedade. Representa nosso conceito ensinado da vida, conforme Harris (1968), e constitui-se de expressões, gestos, tons de voz, escalas de valores, condutas, necessidades e atitudes parentais, correspondendo a elementos arcaicos de nossa personalidade.

O ADULTO é a parte do Ego que raciocina fria e objetivamente, analisando a realidade e decidindo entre o adequado e inadequado, atuando como um computador. Suas funções básicas são estudar, trabalhar e ganhar dinheiro, podendo ser representado como a estátua “O Pensador” de RODIN. Começa a emergir na pessoa por volta dos 10 meses de idade, com o início da locomoção, aprendendo através das experiências, do ensaio-e-erro, e sendo extremamente necessário para a convivência e adaptação do indivíduo no seu ambiente físico e social mutante, pelas estimativas de probabilidades e decisões a partir da computação dos dados fornecidos pela realidade objetiva. Atua no aqui-e-agora

imprevisível, devendo ser o executivo da personalidade, representando o conceito pensado da vida.

A CRIANÇA é o componente infantil e arcaico da nossa personalidade, representando nossas emoções como a alegria, amor, prazer, tristeza, raiva, medo, etc. e tudo o que se refere ao nosso corpo. É quem nos permite sentir, intuir, criar e desfrutar do sexo e da intimidade, fontes por excelência de carícias positivas, sendo nosso conceito sentido da vida. É também nossa parte mais autêntica e reprimida pela educação ou processo de socialização, que sempre implica numa perseguição do Pai externo (e depois internalizado) para adequar a Criança ao padrão sócio-cultural, modelando-a. O sexo é uma função da Criança, sendo o amor sexual o encontro aberto e espontâneo de duas Crianças Livres.(p.17)

Nos quatro anos que antecederam a morte de Berne, que se deu em 1970, os Analistas Transacionais interessaram-se especialmente pela teoria do argumento, vindo a fazer vários acréscimos à mesma. Nesse período também se desenvolveu a noção de mandato e as listas para detecção do argumento bem como a classificação dos argumentos em vencedores e perdedores (Oliveira, 1980).

Berne valorizava a troca de conhecimentos profissionais e acreditava que ela fosse relevante para o crescimento intelectual e científico. Por esse motivo, conduziu durante dezenove ou vinte anos o Seminário de Psiquiatria Social de São Francisco, um espaço relevante para o surgimento e o desenvolvimento da Análise Transacional, bem como para sua divulgação (Oliveira, 1980).

A abordagem de Análise Transacional

A abordagem de Berne fundamenta-se nas necessidades biológicas de afeto e contato físico, nas necessidades psicológicas de identidade, autonomia e estruturação do tempo e nas necessidades sociais de reconhecimento, pertencimento a um grupo e destaque em alguma coisa. A linguagem empregada na formulação da teoria é a linguagem do dia-a-dia, do cotidiano. É uma linguagem simples e, por sua simplicidade, foi muito criticada no meio acadêmico que a acusou de ser uma teoria simplista (Kertész, 1987).

Apesar da formação e influência psicanalítica de Berne, a elaboração da Análise Transacional possui fortes pressupostos filosófico-humanistas por acreditar no potencial humano, e influências existencialistas como liberdade, capacidade de escolha e responsabilidade pelas mesmas. Assim, a Análise Transacional compreende o ser humano como uma pessoa que é concebida OK, ou seja, que possui essencialmente vocação para se desenvolver de forma saudável. As patologias humanas seriam adquiridas então, como uma corrupção do meio que é tóxico e que acaba afetando o organismo com suas contradições, que as reflete. Assim, um sintoma psicopatológico seria uma denúncia social, um grito de socorro daquele que está impedido de se desenvolver. O indivíduo pode então *estar* adoecido, mas nunca *ser* doente (Crema, 1985).

Quando uma criança tem oportunidade de ser amada, respeitada e de sentir-se confiável ela assume naturalmente a posição existencial Eu sou OK/ Você é OK (OK/OK) onde valoriza e respeita a si e aos demais, vindo a construir relacionamentos saudáveis e construtivos nos quais se porta de igual para igual. Contudo, quando a criança não possui condições favoráveis ao seu desenvolvimento, freqüentemente faz decisões aonde passa a *estar* na posição existencial não OK para si, para o outro ou para ambos. Essas decisões poderão posteriormente ser redecididas se houver condições nutritivas e saudáveis para tanto, sendo possível retornar a posição OK/OK. Essa redecisão para a posição saudável OK/OK é a denominada cura que Berne enfatizou em sua atuação terapêutica. Ele considerava não haver problema psíquico-emocional incurável (Crema, 1985).

Berne não somente objetivava a cura de seus pacientes ou clientes. Goulding & Goulding (1985) colocam que ele objetivava alcançar a cura no menor tempo possível, juntamente com o paciente, influenciado por sua experiência na II Guerra Mundial. Durante a guerra, era necessário fortificar a saúde psicológica dos combatentes rapidamente, a fim de que eles tivessem melhores condições de voltar à batalha. Passada a guerra, não fazia sentido prolongar o sofrimento dos pacientes, ficando a Análise Transacional caracterizada por ser uma terapia rápida, realizada em curto espaço de tempo.

A fim de que a cura se tornasse possível, Berne elaborou e utilizou um conjunto de técnicas de mudança positiva que foram denominadas como instrumentos da Análise Transacional, através dos quais se tornou viável diagnosticar e promover intervenções eficazes e potentes com resultados positivos duradouros. Assim, de acordo com a pessoa

que estava sendo atendida, Berne utilizava os instrumentos direcionando suas intervenções às necessidades específicas do indivíduo (Kertész, 1987). Oliveira (1980) acrescenta que a terapia em grupo é preferida à individual, o que parece ter sofrido influência da atuação de Berne no exército americano durante a guerra, onde passou a trabalhar com grupos psicoterapêuticos.

Através da análise da história de vida de uma pessoa e da observação de seus comportamentos observáveis, os instrumentos da Análise Transacional possibilitam a predição comportamental de um indivíduo, se este mantiver sua programação mental. E é com base nessa preditividade que se torna possível prevenir comportamentos perigosos e danosos da pessoa, através de contratos feitos com uma meta objetiva e mensurável de mudança de comportamento por meio de um acordo comum entre terapeuta e cliente (Kertész, 1987).

Uma última característica da Análise Transacional é que ela é integrável a outras abordagens psicológicas. Sua simplicidade em termos de linguagem e compreensão facilita a tradução da linguagem de outras abordagens para a de Análise Transacional, tornando viável a utilização de técnicas de outras abordagens (Kertész, 1987).

Diferenciando Análise Transacional e Psicanálise

Berne possuía uma formação psicanalítica e, sua meta, como dito anteriormente, era criar uma nova abordagem que pudesse desenvolver sem necessitar da aprovação da Sociedade Psicanalítica. É relevante, então, identificar e esclarecer as diferenças e semelhanças principais entre uma e outra.

Uma característica terapêutica pessoal que Berne incorporou a Análise Transacional consistia na busca da cura de seus pacientes em curto prazo. Ele enfatizava a cura e chegava a questionar diretamente os profissionais da área a respeito do que estavam fazendo para curar seus pacientes, uma vez que considerava ser essa sua função profissional. Com essa visão, ele tecia críticas à Psicanálise, conforme Caracushansky (1988):

Berne imputava à psicanálise o relegar a cura dos pacientes a um segundo plano, para preocupar-se em excesso com a investigação da personalidade. A seu ver, a psicanálise pretendia fazer ciência à custa do paciente em vez de tratá-lo. Em vez de cortar o mal pela raiz, fundamentava-se num método que consistia em buscar uma agulha no palheiro (a qual, às vezes, após uma longa dispersão de esforços, era encontrada)(.p.38).

Em 1956, ao publicar um artigo sobre Análise Estrutural da personalidade Berne afirmou que ela consistia numa nova abordagem psicoterapêutica. A novidade é que nessa abordagem a personalidade era tripartida nos Estados de Ego Pai, Adulto e Criança a fim de tornar viável a análise das transações interpessoais, além das intrapessoais, o que não é possível no modelo intrapessoal psicanalítico (Kertész, 1985). Torna-se então relevante, compreender o conceito de transação expresso por Crema (1982):

Entendemos transações como sendo intercâmbios entre as pessoas, consistindo de estímulos e respostas transacionais entre Estados de Ego específicos (Estímulo + Resposta = Transação). Implica sempre, portanto, em se enviar um estímulo ou mensagem e se receber uma resposta, que, por sua vez, também é um estímulo (p.28).

Nesse sentido, há diferenças consideráveis entre a Psicanálise que enfatizou a análise da transferência na psicoterapia grupal e a Análise transacional que priorizou a análise das transações. Caracushanky (1988) explicita essa diferença:

Berne não negou a existência da transferência e das chamadas reações transferenciais. Admitiu (HELLO 302-10) que, numa situação de terapia, o paciente transfere para o terapeuta aspectos de sua realidade pessoal; ele vê no terapeuta o seu próprio pai, um perseguidor ou um salvador, ou sua mãe, uma perseguidora ou uma salvadora, do mesmo modo como ele os via na infância, quando a sua personalidade estava se formando, aos cinco anos, aos três, a um ano, ou mesmo aos dois meses de idade (em que a mãe era percebida como parte

dele mesmo, ou como um mero bico que alimenta). As reações do paciente ao terapeuta, segundo Berne, são eminentemente reações programadas na infância (que ele chama de reações do “roteiro de vida”). São respostas condicionadas que buscam do terapeuta o mesmo tipo de reforço recebido na infância.(p.40).

A principal crítica de Berne aos modelos psicanalíticos de psicoterapia de grupo é a ênfase dada às reações transferenciais, em detrimento das transações, as quais, no grupo, passam a requerer uma atenção prioritária. Uma análise específica e deliberada dessas transações pode constituir-se, segundo o autor, em recurso terapêutico caracteristicamente grupal e altamente eficaz.(p.41)

Ao priorizar a análise das transações, Berne objetivava um aprofundamento em suas causas e origens no decorrer da psicoterapia, vindo, nesse aspecto, a se assemelhar ao modelo psicanalítico de Freud (Caracushanky, 1988).

É possível traçar uma analogia parcial entre os conceitos Pai, Adulto e Criança e Superego, Ego e Id. Os primeiros são considerados fenômenos observáveis e mensuráveis pela Análise Transacional, correspondendo a “gravações” de pessoas reais na vida do indivíduo, bem como a partes reais internas da própria pessoa. Já os segundos seriam construtos teóricos abstratos e universais não sendo possível observá-los e mensurá-los. A Psicanálise considera que somente o Ego e, talvez, parte do Superego, sej conscientes enquanto que na Análise Transacional os três Estados de Ego seriam conscientes em graus diversificados, de acordo com o momento. Além disso, é possível a transação dos Estados de Ego entre si, o que possibilita a diagramação dessas transações e a dramatização das mesmas, intra ou interpessoal. Nem a diagramação e nem a dramatização são possíveis às instâncias psicanalíticas. Outro diferencial é que através das transações os Estados de Ego podem sofrer modificações, e virem a harmonizar ou não seus conteúdos. Já nas instâncias psicanalíticas o conflito seria irremediável especialmente entre Superego e Id (Kertész, 1987).

De modo mais específico, Caracushanky (1988), apresenta algumas correlações entre Superego e o Estado de Ego Pai e entre o Id e a Criança:

*Segundo Berne (PGT295-96), o superego corresponderia apenas a uma parte do Pai, que é a **influência parental**. Por influência parental entende-se uma gravação: na estrutura psíquica, referente a padrões ideais e não reais e que, portanto, não origina estados do ego e sim crenças.(p. 266)*

Quanto ao Id, diz Berne (PGT 195-196), ele não pode ser identificado com a Criança, pois ele é, por definição, caótico, enquanto a Criança é uma entidade organizada.O Id equivale a uma das principais determinantes da Criança, a saber, forças biológica internas.. (p. 266)

Por que a abordagem de Análise Transacional?

Antes mesmo de decidir o tema de minha monografia já tinha em mente a idéia de trabalhá-la em Análise Transacional, abordagem que conheci este ano de 2003 e pela qual me interessei bastante, sendo particularmente importante nesse processo a prof. Suzana Joffily em sua atuação de supervisão na clínica do UniCEUB – CENFOR.

Das primeiras leituras que realizei em Análise Transacional, a impressão que tive foi que esta seria uma abordagem simplista. Não consegui dar muito crédito à ela. Mas durante o estágio fui ficando impressionada com a forma realmente simples e ao mesmo tempo impactante com que a supervisora transmitia seu embasamento teórico. Pude ver na prática do estágio a preciosa aplicação feita dessa abordagem, em supervisões que algumas vezes foram terapêuticas para os próprios estagiários, inclusive para mim. Eram atuações muito específicas, diretas e rápidas e que me tocavam profundamente auxiliando em meu processo de crescimento e desenvolvimento enquanto pessoa.

De tudo que vivenciei na clínica, certamente a experiência que mais me marcou foi uma de minhas supervisões. No estágio de Análise Transacional as supervisões são feitas em grupo, de modo que, enquanto um estagiário é supervisionado os demais assistem e podem vir a participar de sua supervisão. Assim, eu estava relatando o atendimento de um dos meus casos à supervisora quando de repente ela me perguntou se isto que eu estava fazendo com ela eu fazia com meu cliente ao atendê-lo. Surpresa, eu perguntei: isto o que? Ela me respondeu que eu a deixava com o olhar, mesmo olhando em sua direção. E, ao mesmo tempo, relatava meu atendimento sem colocar o que estava percebendo do processo,

como se no momento em que eu a deixasse, parasse de pensar e de sentir. Então ela perguntou às outras pessoas do grupo se estavam percebendo o que ela estava percebendo. Uma das estagiárias disse que sim, e que não tinha sido somente naquele momento, mas que geralmente, quando ela me encontrava, não sabia se falava ou não comigo porque eu olhava pra ela, mas é como se não a visse – e ela me considerava muito estranha por causa disso.

Mesmo estando no meio da sala de supervisão, comecei a chorar, pois o meu desejo era ser psicóloga clínica. Eu me dei conta de que isso possivelmente estava acontecendo dentro do consultório e me atrapalhando (era um dos meus primeiros atendimentos) e eu não tinha como corrigir isso por ser algo que até então eu não havia percebido. Fiquei preocupada. Eu por mim mesma não conseguia me dar conta do que estava acontecendo. Então, a supervisora foi pedindo pra que eu piscasse porque eu insistia em deixá-la com o olhar, ficando sem piscar por um período prolongado e, à medida que eu piscava era como se recobrasse minha presença naquele lugar, meu raciocínio e a sensação de confusão. Por fim, recebi a orientação de piscar durante meus atendimentos. Considero que esse acontecimento foi muito importante para o meu desenvolvimento pessoal e profissional.

Ao relatar esse acontecimento me vem à lembrança a célebre frase de Berne in Kertész (1987): *Cure-se primeiro, analise-se depois*(15).

A decisão de escrever a monografia nessa abordagem visa ao conhecimento e estudo mais aprofundados da mesma, uma vez que só tive acesso à Análise Transacional no nono semestre do curso e que a considerei relevante para minha formação profissional.

Ao me preparar para escrever a monografia fui percebendo que os títulos dos livros de Análise Transacional eram bastante incomuns, parecendo frases corriqueiras, contudo, concluí que davam seqüência à simplicidade da linguagem teórica utilizada por Berne na elaboração de sua teoria. À medida que fui conversando com os profissionais da área e lendo sobre o assunto, também me dei conta da dificuldade de aceitação da mesma no meio acadêmico, o que acredito que se deva em parte à simplicidade da linguagem utilizada bem como à possibilidade de ser esta abordagem empregada juntamente com outras. Esta constatação foi inspiradora no sentido de favorecer um desejo de resgatar as bases científicas da abordagem.

Dentro da Análise Transacional, decidi escrever minha monografia sobre desenvolvimento emocional uma vez que as dificuldades emocionais me parecem ser geradoras de amplos sofrimentos, inclusive psíquicos. Portanto, através da presente monografia pretendo aprender sobre o tema, o que acredito, contribuirá para minha atuação clínica bem como para o meu crescimento profissional.

As emoções na visão da Análise Transacional

Conforme Crema (1985), a grande contribuição de Berne para a psicoterapia no tocante as emoções foi ter diferenciado-as em dois tipos: as emoções autênticas e as emoções disfarces. Com isso, favoreceu a análise, compreensão e manejo das mesmas. Berne chamou de emoções autênticas as que possuem função vital de sobrevivência individual e continuação da espécie, sendo estas resumidas em número de cinco. São elas: amor-afeto e alegria, as prazenteiras, e tristeza, medo e raiva, as desprazenteiras. No segundo tipo de emoções, os disfarces, identificou um condicionamento social, que se estabeleceu como padrão por ter sido utilizado e reforçado na infância pela impossibilidade de expressão da emoção autêntica.

Cada uma das cinco emoções autênticas manifesta-se independentemente das demais, sendo elas excludentes entre si. Assim, não seria possível sentir, por exemplo, medo e tristeza ao mesmo tempo, pois uma emoção excluiria a outra. Contudo, algumas vezes ocorre um rápido trânsito entre uma e outra emoção, o que pode dar a impressão de que várias emoções são vivenciadas simultaneamente, quando na realidade, são vivenciadas seqüencialmente. (Pedreira, 1997).

Uma vez diante de um estímulo ambiental o organismo humano desencadeia uma das cinco emoções básicas. Desde a liberação emocional no tronco encefálico até o seu efeito corporal Pedreira (1997) identifica três momentos aos quais denominou de tempos da emoção. O 1º tempo consiste em sentir a emoção – é um processo intrapsíquico para o qual toda a espécie humana vem geneticamente programada. O 2º tempo é a expressão verbal da emoção e o 3º tempo consiste em expressar através da linguagem do corpo a energia proveniente da emoção. Mas a emoção autêntica pode não vir a ser expressa, e às vezes até sentida, por estar impossibilitada, surgindo assim o disfarce.

A transformação da emoção autêntica para o disfarce é explicada por Kertész (1987) com referência às crenças e pontos de referência familiares. Segundo ele, cada família possui um sistema estruturado, consciente ou não, sobre as emoções que se pode sentir e expressar. Na convivência familiar, a criança aprende a intensidade das emoções e a durabilidade permitida bem como aprende a modificar qualitativamente uma emoção não aceita por outra que é encorajada pela família, conquistando assim as carícias desejadas. Fanita English in Pedreira (1997), define da seguinte forma os disfarces: *“Emoções substitutivas que se manifestam de forma repetitiva e estereotipada, e que são compensatórias de necessidades autênticas não satisfeitas, e que foram proibidas no passado (...), visando obtenção de afagos, reconhecimento e reforços afetivos (= carícias) bem como evitar responsabilidades”* (p.37e 39).

Nesse momento faz-se necessário relembrar que a emoção é constituinte do estado de ego Criança. E nesse estado, assim como nos demais, ocorrem subdivisões estruturais que podem ser aprofundadas. Contudo, é suficiente compreender que as emoções autênticas situam-se na Criança Livre, também chamada Natural, que *“Possibilita desfrutar emocionalmente a vida, gozar, amar, ser espontâneo e ter intimidade (...) estando orientada para a procura do agradável e fuga do desagradável, sendo regida pelo “Princípio do Prazer”*. Crema (1982, p.19).

Já as emoções disfarce seriam próprias da Criança Adaptada não OK, aquela que, conforme Crema (1982):

Modifica sua conduta sob influência do Pai, comportando-se de acordo com a programação feita pela parte parental (...) A manifestação da Criança Adaptada pode dar-se de duas maneiras: pela conduta submissa ou pela oposição sistemática às ordens e expectativas parentais. Classificamos a primeira forma de manifestação, de Criança Submissa, e a segunda de Criança Rebelde.(p.20)

Crema (1985) apresenta uma série de disfarces conhecidos que são próprios da Criança adaptada submissa, tais como: falsa alegria; falso afeto; depressão, fobia; ansiedade, angústia; inadequação, preocupação, insegurança, culpa; confusão, vergonha, desespero; sentir-se rejeitado/fracassado. Apresenta ainda uma outra série própria da

Criança adaptada rebelde: ódio, ressentimento, desconfiança, desafio, ciúme, inveja, orgulho, triunfo maligno e explosão de ira.

Ao assumir um disfarce, a criança o faz a fim de suprir uma necessidade real, cuja satisfação foi impossibilitada no seu meio social. Nesse sentido, o disfarce é uma compensação que possibilita à criança alguma recompensa social, mas não aquela realmente desejada. Assim, Pedreira (1997) afirma que os disfarces são vivenciados como essenciais, uma vez assumidos, e que são decididos precocemente na infância quando as crianças são ainda dependentes de seus cuidadores. Algumas vezes os disfarces são assumidos como decisões de sobrevivência em vivências catastróficas ou traumas de infância.

Aguilar (1999) chama à atenção para o fato de que ao assumir um disfarce o indivíduo alimenta a idéia de que suas emoções foram causadas pela ação de outras pessoas bem como as emoções de outros são causadas pelas suas ações. Na primeira situação o indivíduo se isenta da responsabilidade sobre a escolha de suas emoções colocando-se na situação de vítima, enquanto na segunda assume uma responsabilidade que não lhe compete, uma vez que não é possível ser responsável pelo que o outro decidiu consciente ou inconscientemente viver e sentir.

A fim de possibilitar a distinção entre uma emoção autêntica e uma disfarce, Pedreira (1997) propõe a utilização dos critérios de **estímulo, durabilidade, tipo de reação e intensidade**. Assim, uma emoção pode ser considerada autêntica quando tem origem a partir de um estímulo ambiental real no aqui-e-agora; quando sua duração é proporcional à duração do estímulo ambiental; quando a reação é situacional ocorrendo em “pico” e quando sua intensidade é proporcional à qualidade, intensidade e magnitude do estímulo ambiental provocador. Crema (1985) acrescenta ainda que existe congruência entre a emoção autêntica e as reações não verbais, posturas e atitudes globais, o que não ocorre nas emoções disfarce, que, por sua vez, são programadas a partir de estímulos no passado; possuem longa duração, sendo persistentes e repetitivas; possuem reação em “platô”, permanecendo além da situação real e a intensidade é desproporcional à qualidade, intensidade e magnitude do estímulo ambiental.

Autores como Crema (1985) e Pedreira (1997), concordam a respeito do disfarce constituir-se em sofrimento para o ser humano, na medida em que é pernicioso para a saúde

física e mental do indivíduo, uma vez que encobre o sentir e expressar de emoções autênticas.

Torna-se um objetivo psicoterapêutico em Análise Transacional o abandono gradual dos disfarces e a facilitação do sentir, expressar e atuar as emoções autênticas. O abandono dos disfarces deve ser realizado gradualmente por dois motivos. 1º) É necessário levar em consideração que eles possuem uma função de suporte para o indivíduo, e, retirá-lo repentinamente acarretaria um vazio existencial que precisaria ser preenchido. Então, propõe-se o abandono gradual e a facilitação simultânea para as emoções autênticas que fortalecerão o indivíduo nessa transição. Steiner & Perry (1998) afirma que a supressão das emoções depende muita energia e, no processo de abandono dos disfarces, o indivíduo seria favorecido pela liberação energética antes gasta na supressão. O 2º aspecto pelo qual se faz necessário o abandono gradual dos disfarces é que o seu abandono imediato poderia provocar descontrole no indivíduo, vindo este a assumir atitudes impulsivas e imprudentes.

Steiner & Perry (1998) desenvolveu uma escala de tomada de consciência das emoções auto-avaliativa que possibilita uma conscientização sobre a supressão/expressão das próprias emoções. Do nível mais baixo para o mais elevado, a escala é a seguinte:

Insensibilidade: *Você não tem consciência de seus sentimentos.*

Sensações Físicas: *Suas emoções são registradas fisicamente (por exemplo, na forma de dores de cabeça ou tonteira), mas você continua inconsciente das emoções em si.*

Experiência primitiva: *Você tem consciência das emoções, mas não sabe o que significam. Não consegue discuti-las nem compreende-las.*

Diferenciação: *Cruzando a barreira verbal e falando sobre seus sentimentos, você aprende a estabelecer a diferença entre emoções como raiva, amor, vergonha, alegria ou ódio.*

Causalidade: *Você é capaz não apenas de falar sobre cada emoção separadamente, como também de perceber as suas causas.*

Empatia: *Você está em contato com as emoções de outras pessoas*

Interatividade: *Você é dotado de profunda sensibilidade para o fluxo das emoções circundantes e a maneira como interagem. (Steiner & Perry, 1998, p.57).*

Pedreira (1997) propõe a aceitação dos próprios sentimentos e a responsabilização pelos mesmos e sugere o seguinte roteiro para o abandono dos disfarces:

1º) Identificá-los.

2º) Reconhecer “como” perpetua

3º) Interromper a sua expressão.

4º) Passar a contactar com a emoção autêntica subjacente e ir fundo nela.

5º) Monitorar-se para evitar recaídas.(p.50)

Crema (1985) chama a atenção para a limitação do modelo de emoções em Análise Transacional, que consiste na utilização indiscriminada dos termos emoção e sentimentos. A fim de clarificar essa questão o autor busca subsídios para esclarece-la no enfoque reflexológico soviético, bastante preciso e metodológico na utilização de seus conceitos. Através desse enfoque percebe que as emoções são vivências afetivas simples e circunstanciais relacionadas a necessidades orgânicas, existentes também nos animais. Já os sentimentos seriam vivências afetivas mais complexas, exclusivas do homem, possuindo um caráter social e histórico que possibilitam seu prolongamento e constância. O autor propõe então a relação do conceito de emoção autêntica com o de emoções e o de disfarces com o de sentimentos. Assim, todo disfarce seria um sentimento, mas nem todo sentimento seria um disfarce, somente aquele que substituiu emoções autênticas suprimidas, vindo a constituir a bagagem de respostas disfuncionais afetivas humana.

Por fim, Crema (1985) chama a atenção para o fato de que o modelo de emoções da Análise Transacional não dá guarida aos sentimentos humanos superiores como os estéticos, morais, intelectuais e espirituais, que precisam ser considerados. O que torna mais uma vez o modelo limitado.

Proposta da monografia e objetivos

Um dos focos do processo terapêutico é o desenvolvimento emocional do cliente, que, não raro, mantêm-se estagnado emocionalmente em certos aspectos de sua vida. Assim como o corpo tende naturalmente ao crescimento, ao desenvolvimento, o aspecto emocional uma vez estagnado ou imobilizado reverte seu desenvolvimento saudável para repetições dessa imobilização emocional em novas situações de vida. Passa a ocorrer como que uma reação em cadeia que vai colocando em evidência a dificuldade emocional do sujeito. Possivelmente a fim de que a dificuldade tenha mais possibilidades de ser resolvida e o sujeito possa estar livre para se desenvolver saudavelmente.

Em Análise Transacional, o Estado de Ego Criança é considerado a sede de emoções autênticas como a alegria, o amor-afeto, a tristeza, a raiva e o medo. A Criança se manifesta fenomenologicamente através de tons de voz, posturas corporais e expressões faciais. Assim, a dificuldade emocional ocorreria neste Estado de Ego, consistindo na substituição de uma emoção autêntica por outra denominada disfarce e o processo de desenvolvimento emocional seria justamente o abandono do disfarce e a expressão da emoção autêntica. É válido ressaltar que esse processo, aqui denominado desenvolvimento emocional, não possui correspondentes teóricos bem estruturados na literatura de Análise Transacional, havendo uma lacuna teórica nesse tema.

O problema em questão é o disfarce enquanto gerador de sofrimento e limitações na vida do cliente. Neste sentido proponho:

Objetivo Geral:

- Favorecer o abandono do disfarce e a expressão de emoções autênticas.

Objetivos específicos:

- Identificar na relação terapêutica os disfarces, bem como as limitações e os benefícios advindos do mesmo;
- Observar o conflito intrapsíquico, entre os Estados de Ego, no qual está envolvido o disfarce;
- Estimular o acordo intrapsíquico entre os Estados de Ego;

- Incentivar a expressão da emoção autêntica.

O intuito é poder aperfeiçoar o trabalho na prática clínica com o desenvolvimento emocional, ao mesmo tempo refletindo teoricamente sobre o assunto. Isso me dará maiores possibilidades de entender como se dá esse processo e me favorecerá profissionalmente enquanto psicóloga clínica que desejo ser.

Epistemologia qualitativa e metodologia de pesquisa

Como colocado anteriormente, esta monografia tem o intuito de favorecer o desenvolvimento emocional através do abandono do disfarce e da expressão de emoções autênticas. Para tanto, fará uso da epistemologia e da metodologia qualitativa de pesquisa.

A epistemologia qualitativa é uma via de produção de conhecimento alternativa à epistemologia quantitativa, pelo enfoque diferencial de pesquisa que possibilita do objeto de estudo, no caso, a subjetividade. A epistemologia qualitativa permite o estudo e a criação teórica de dimensões do objeto inalcançáveis à epistemologia quantitativa pela inter-relação complexa e dinâmica de seus elementos, os quais, na epistemologia quantitativa, deveriam ser decompostos, reduzidos e estudados em relações anteriormente programadas, ficando, portanto, engessados numa espécie de camisa de força da experimentação positivista. (Rey, 2002).

A subjetividade enquanto objeto de estudo é expressa pela singularidade de cada sujeito, constituída por significações e sentidos produzidos em sua história de vida, em suas vivências históricas e em seu contexto sócio-cultural, o que passa a ter grande importância para a pesquisa realizada uma vez que:

A subjetividade individual é determinada socialmente, mas não por um determinismo linear externo, do social ao subjetivo, e sim em um processo de constituição que integra de forma simultânea as subjetividades social e individual. O indivíduo é um elemento constituinte da subjetividade social e, simultaneamente, se constitui nela.(Rey, 2002, p.37).

O mesmo autor coloca ainda: “A subjetividade é um sistema processual, plurideterminado, contraditório, em constante desenvolvimento, sensível à qualidade de seus momentos atuais, o qual tem um papel essencial nas diferentes opções do sujeito”. (Rey, 2002, p.37).

De acordo com Rey (2002) são três os princípios norteadores da epistemologia qualitativa:

Conforme o 1º princípio, o conhecimento é uma produção construtiva-interpretativa aonde a interpretação vai além da expressão imediata do sujeito, extrapolando o ambiente da pesquisa, constituindo-se numa reflexão e elaboração constante por parte do pesquisador que visa dar sentido e significação à expressão do sujeito, através dos indicadores subjetivos obtidos durante a pesquisa, fazendo, para tanto, uma ponte entre as colocações do sujeito e o problema que se constitui em objeto de estudo. O pesquisador considera tanto o marco teórico utilizado para situar a pesquisa quanto as colocações e posicionamentos ocorridos no momento da mesma, sem, no entanto, se ater à elas, que vêm a se tornar apenas um ponto de partida para sua reflexão. Cabe ressaltar que a interpretação não se presta à redução da complexidade e riqueza do objeto de estudo à categorias invariáveis estabelecidas à priori pelos marcos teóricos adotados, uma vez que desse modo se colocaria a perder todas as manifestações singulares do estudado. A interpretação em si seria um primeiro momento da construção teórica, seguida por construções ainda mais indiretas e implícitas sobre o problema estudado, que se dariam pelo curso do pensamento do pesquisador.

O 2º princípio consiste no caráter interativo do processo de produção do conhecimento, ou seja, a relação que se estabelece entre pesquisador e pesquisado torna-se fundamental para o desenvolvimento da pesquisa, o que valoriza o diálogo estabelecido na relação e no qual torna-se viável o envolvimento emocional, possibilitando a produção de informações significativas para a pesquisa. Desse princípio advém o fato de os imprevistos na comunicação bem como os momentos informais de comunicação serem levados em consideração e tratados como situações significativas para a produção do conhecimento.

O 3º e último princípio é a significação da singularidade como nível legítimo da produção do conhecimento. Na epistemologia qualitativa a singularidade ganha legitimidade no estudo da subjetividade, enquanto realidade única e diferenciada na constituição da história subjetiva do sujeito. Assim, a legitimidade do conhecimento científico deixa de estar baseada na quantidade de sujeitos estudados na pesquisa e passa a estar na qualidade da expressão do indivíduo estudado. Dessa maneira, a informação do sujeito pesquisado pode adquirir significação de acordo com as idéias de produção

científica do pesquisador em relação ao tema estudado, independentemente das informações virem a se repetir em outros sujeitos.

Spink (2000) apresenta a pesquisa qualitativa como uma prática social que visa dar sentido ao mundo através de práticas discursivas. Para tanto, faz uso da epistemologia construcionista onde a realidade não está pronta e acabada para ser conhecida, mas, pelo contrário, o conhecimento passa a ser construído na relação humana possibilitando uma multiplicidade de realidades. Nesse sentido, seu enfoque está na “explicação dos processos através dos quais as pessoas descrevem, explicam ou contabilizam o mundo em que vivem, incluindo a si mesmas” (Spink, 2000, p. 76).

É com base no princípio que valoriza a singularidade e a legitima como característica da epistemologia qualitativa que se torna possível a utilização de estudos de casos na pesquisa qualitativa. Os estudos de casos são utilizados não como via de informações complementares para a pesquisa, mas como momentos indispensáveis para a produção do conhecimento (Rey, 2002).

Muito embora a metodologia qualitativa de pesquisa tenha um reconhecimento científico recente se comparado à metodologia quantitativa, a utilização do atendimento clínico individual em psicologia, e o seu estudo, há muito vêm sendo usado como espaço de pesquisa, de reflexão e produção de conhecimento. Foi o que ocorreu com Freud na elaboração gradual da teoria psicanalítica. À medida que fazia seus atendimentos e refletia sobre os conteúdos das sessões, as experiências de seus pacientes, a relação terapêutica, Freud construía um arcabouço teórico que estava atravessado por sua interpretação, por sua vivência pessoal e que possibilitava uma compreensão e uma orientação no tratamento da problemática de seus pacientes. Gay (1989) faz a seguinte analogia com o modelo positivista de ciência ao falar sobre o trabalho de pesquisa de Freud:

O laboratório de Freud era seu divã. Desde o começo dos anos 1890, os pacientes de Freud haviam lhe ensinado muito do que ele sabia, obrigando-o a refinar sua técnica, abrindo perspectivas impressionantes para novos pontos de partida teóricos, confirmando ou forçando-o a corrigir – ou mesmo abandonar – hipóteses acalentadas. Esta é uma das razões pelas quais Freud dava tanta importância aos casos clínicos: eles constituíam um registro de sua formação. E, de maneira

gratificante, mostraram-se igualmente importantes para a formação de outros...(pgs. 232,233).

Um dos diferenciais metodológicos da pesquisa qualitativa é a função dos instrumentos de pesquisa. Os instrumentos utilizados durante a pesquisa deixam de ser vistos como fonte de produção de dados válidos, constituindo-se em fonte de informação e expressão do sujeito que, por si só não possui sentido, mas somente o adquire posteriormente dentro do conjunto das expressões totais do sujeito estudado. Rey (2002) ainda coloca: “A definição dos instrumentos deve integrar sempre formas orais e escritas, pois uma atua como elemento descentralizador da outra e chegam a envolver o sujeito em uma reflexão crítica sobre sua própria experiência”(p.91).

Em relação à metodologia utilizada nesta pesquisa de monografia estabelece-se que o processo de produção de conhecimento se dará através da relação pesquisador-pesquisado no contexto da psicoterapia com dois (2) estudos de caso.

A atendimento psicoterápico foi realizado na Clínica de Psicologia do UniCEUB – CENFOR, com pacientes adultos do sexo feminino e que estão em atendimento no projeto de Análise Transacional. Cada sessão teve duração de 50 min.

Para cada estudo de caso foram selecionados, dos relatórios de atendimento do CENFOR, os aspectos relevantes das últimas sete sessões de atendimento, considerando-se o momento de elaboração da presente metodologia. As sete últimas sessões foram escolhidas por nelas já estar mais forte o vínculo terapêutico e por haver maior envolvimento do pesquisador e do pesquisado no processo psicoterápico tanto pelo conteúdo tratado como pela expressão dos mesmos. A partir das sete sessões selecionadas caberá à pesquisadora a produção do conhecimento ao qual atribui-se “caráter prurideterminado, irregular e contraditório” (Rey, 2002, p.68).

As pacientes pesquisadas serão apresentadas com nomes fictícios e dados pessoais alterados a fim de que as mesmas não venham a ser identificadas. O instrumento utilizado no primeiro caso foi um desenho com título **Desenho do Futuro** (Anexo I), onde foi pedido que desenhasse como imaginava seu futuro. Já no segundo caso foram utilizados dois instrumentos, sendo o primeiro intitulado **Qualidades e defeitos dos pais** (Anexo II), a fim de que pudesse expressar as qualidades e os defeitos dos pais e o segundo instrumento

foi denominado **Pessoas importantes em minha vida** (Anexo III), onde a cliente deveria colocar no papel aqueles que considera importantes para si.

Estudos de Caso

1º Caso – Monique

Características da pesquisada: 40 anos, 2º grau completo, auxiliar de serviços gerais, solteira, católica. Mora com os pais que são idosos e cuida deles. Procurou a terapia inicialmente por estar em depressão, faz uso do medicamento Imipramina.

Situação de atendimento: A paciente já estava em processo psicoterápico tendo realizado 13 sessões inicialmente com outra terapeuta que finalizou o curso e não pôde continuar o atendimento. Ciente de que um novo terapeuta a acompanharia no processo, a paciente escolheu dar continuidade ao mesmo, e já havia realizado a 14ª sessão com sua atual terapeuta que é a pesquisadora da presente monografia, tendo com ela o primeiro contato, quando da realização das sessões consideradas para o estudo de caso.

15ª ss - 20/08/03

Hoje pela manhã foi ao hospital pela 3ª vez tentar fazer um exame porque seu prontuário havia sumido. Disse ao responsável que se não abrissem um novo prontuário ela não voltaria mais. Começou a chorar e providenciaram um novo prontuário. Sentiu-se desrespeitada.

Perguntou-me se havia lido seus relatórios. Respondi que não e perguntei se ela tinha alguma expectativa em relação a isso, se queria me contar alguma coisa. Disse que não. Perguntei o que ela vinha trabalhando com a terapeuta anterior. Disse que havia feito alguns desenhos e que estava trabalhando com sonhos.

Contou que recentemente havia sonhado que estava em frente à sua casa, ou melhor, a casa dos seus pais, junto com o namorado e conversando com ele perto de um carro. Três pessoas vinham assaltá-los e ela dizia ao namorado “você não vai fazer nada?”. Perguntei o que mais havia chamado sua atenção no sonho e ela respondeu que era a pergunta que fazia ao namorado. Questionei o que é que os assaltantes vinham roubar de valioso. Disse-me que em termos materiais não tinham nada, mas que possuíam um ao outro e que seu namorado costuma dizer que ela é muito valiosa para ele. Disse ainda que tem muita vontade de ter uma casa que seja sua e ficou extremamente triste, pois há um tempo atrás ia

comprar uma casa e não pôde, pois não tinha dependente (choro). A partir daí considera que a depressão a atingiu. Nesse período relembrou várias situações de infância e sentiu raiva do pai. Disse que tem vontade de ter a sua casa e os seus filhos, mas que quer ter um filho depois que se casar e não simplesmente quer um filho para comprar sua casa.

Contou que ela e o namorado foram convidados pra dar uma palestra pros jovens e adolescentes da igreja sobre namoro e sexo. Eles falaram juntos no último fim de semana e ela se sentiu muito bem porque até algum tempo atrás tinha muita dificuldade para falar em público. Eles falaram sobre o respeito mútuo e a hora certa pra ter sexo, que conforme eles acreditam é depois do casamento.

Perguntei se ela tinha interesse em casar com o namorado atual. Disse que sim, mas que eles não falavam sobre o assunto. Relatou haver um apoio da família do namorado pra que eles se casem, assim como de sua própria família. Disse se sentir cobrada a casar pela mãe já que é a única filha que não casou.

Dei à ela a tarefa de falar com o namorado sobre o casamento.

16^a ss – 26/08/2003

Contou que sexta-feira passada havia ido a um jantar na casa de um amigo do namorado dela. E começaram a perguntar sobre o casamento deles, a fazer uma pressão insistindo no casamento, ao que o namorado respondeu que queria uma coisa de cada vez: noivar, fazer chá de panela e casar. Após o jantar, Monique aproveitou a oportunidade para falar sobre a intenção do namorado em se casar com ela. Ele disse que ela aguardasse pois ele estava se preparando, sem entrar em maiores detalhes. Monique não questionou que espécie de preparação seria essa. Ela imaginou que ele estaria se preparando financeiramente e disse ter sido mais fácil falar com ele do que ela imaginou que seria.

Pedi que desenhasse seu futuro. Ela desenhou a si, com o marido (atual namorado) e dois filhos. Perguntei o que ela estava fazendo hoje para alcançar o futuro que estava planejando. Disse que estava começando a comprar peças para seu enxoval como edredons, colchas e etc. Perguntei o que o seu namorado estava fazendo. Ela encolheu na cadeira e com uma expressão de espanto não conseguiu identificar nada.

17^a ss – 03/09/03

Disse que a sessão passada havia mexido muito com ela, ela demorou a dormir, teve insônia e ficou pensando se ela estava sonhando sozinha. Ao conversar com o namorado na quinta-feira tranquilizou-se pois ele disse que pretende se casar com ela. Só que financeiramente tá difícil e estão pensando em qual seria a melhor data para o casamento.

Falamos sobre sua dificuldade de falar sobre o que tem vontade com o namorado. Ela sente medo de ser atirada, de forçar a barra. Sua mãe dizia que mulher não devia ser atirada, tomar a iniciativa. Às vezes sente medo de querer casar porque seus pais desejam que ela case e não porque ela quer casar, apesar dela ter vontade de se casar. Na sua família seu pai dá as ordens e as pessoas obedecem, sua mãe é a única pessoa que interfere quando acha alguma situação absurda. Quando criança lembrasse que ela e os irmãos recorriam à mãe para que ela falasse algo importante com seu pai. Dentre os irmãos, ela considera que ela e outros mais novos dois eram os mais ativos, eram aqueles que costumavam falar o que sentiam e queriam. Os outros eram mais passivos. Contou que quando criança tinha muita dificuldade para apresentar os trabalhos na escola ou na igreja. Disse que hoje já está bem melhor.

18ª ss –10/09/2003

Chegou à sessão dizendo que esta semana havia sido boa, com exceção do stress que seu pai lhe tinha dado, que era o de derrubar o barraco que fica no fundo da casa e construir outros dois no lugar desse primeiro que tem cômodos muito grandes. Seu pai havia dito anteriormente que se ela se casasse poderia morar no barraco que agora estava querendo destruir. Ela foi com o pai comprar o material e, como sempre, tudo tem que ser do jeito dele. Então, ela precisa reclamar pro pai mudar de idéia.

Disse que hoje estava com preguiça de vir à terapia. Perguntei se isso era comum, ela disse que não. Que também não estava cansada. Colocou que às vezes pensa que já está bem e se pergunta se ainda precisa da terapia. Perguntei se as questões que nós tratamos estavam sendo relevantes e ela disse que sim. Perguntei se o fato dela estar questionando o namorado sobre o casamento havia trazido algum efeito colateral negativo pra relação. Disse que não. Então expliquei que isso poderia acontecer e eu precisava do seu feedback. Disse à ela que nós poderíamos trabalhar sua relação com o namorado dentro do

consultório com dramatizações, mas ela se movimentou na cadeira e disse que não se sentiria à vontade. Que hoje está bem melhor em relação ao medo de errar mas que ainda possui esse sentimento, esse mal estar. Fica nervosa ao perceber que está sendo observada. Foi assim na prova prática de direção que ela precisou fazer quatro ou cinco vezes para conseguir passar.

Em seguida, contou e passou a relacionar algumas situações de sua infância. A primeira, que ela sempre lembra, foi quando ganhou seu primeiro livro e, brincando, toda animada, o deixou embaixo da mesa. Seu pai mandou que ela o colocasse no lugar e ela brincando não o guardou. Mais tarde, quando seu pai viu que o livro ainda estava fora do lugar bateu nela com cipó e isso foi como um “banho de água fria” no seu entusiasmo pelos estudos. As batidas deixaram marcas. Doeu muito e ela chorou. Depois de apanhar ela foi colocar o livro na estante. Outra situação é que ela era canhota e sempre que ia dar a mão pra tomar a bênção, dava a mão esquerda e levava um tapa. Além de tudo, teve que aprender a escrever com a mão direita, e verbaliza que isso foi sofrido. Coloquei que as situações deixavam explícito o fato de fazer tudo como seus pais queriam e de retirar o prazer do estudo. Em seguida, lembrou-se que em 1998 fez cursinho pra tentar o vestibular e acabou sendo atropelada no dia da prova quando ia de carona na moto com seu irmão para o vestibular. Não teve como fazer a prova naquele dia e mesmo assim não desistiu, ainda queria prestar vestibular. Contudo, nos períodos seguintes de realização da prova estava com tendinite e com depressão.

19ª ss – 17/09/2003

Chegou bastante gripada à sessão. Quinta-feira passada um acontecimento mexeu bastante com ela em seu serviço. Ela faz serviços gerais na escola em que trabalha e o merendeiro disse à ela que não levasse o lanche para a sala dos professores mas a vice diretora a pediu que levasse. A vice-diretora chegou na cozinha e ela colocou seu impasse já que é ela a sua chefe. O merendeiro não gostou nem um pouco, pois ele é que queria ter levado o lanche e ela não fez sua vontade, o que fez com que ela lembrasse bastante da sua relação com o pai. Depois de dizer a vice-diretora o que estava acontecendo, foi para o auditório chorar e a vice-diretora foi falar com ela que não precisava ficar chorando, que ela

é que é sua chefe, a ela é que ela deve obedecer, e que o merendeiro já havia arrumado outras confusões antes.

Seu namorado ganhou uma bolsa integral para cursar fisioterapia. Tinha medo dele não poder casar com ela por causa do curso. Disse que ficou tranqüila em relação ao barraco que seu pai derrubou. Que, se pudesse, moraria em outro lugar. Disse que às vezes sonha com uma casa que está sendo construída com amor.

20^a ss – 24/09/2003

Está bem. Não tinha assunto pra tratar na sessão. Perguntei quais as diferenças que tem percebido em sua vida. Disse que ultimamente tem conseguido dormir bem. Ela deita, deixa as preocupações para resolver no dia seguinte e dorme bem. Quando acorda no dia seguinte desperta antes do despertador tocar e tem disposição para levantar e trabalhar o que é bem diferente de quando ela teve depressão – ela ia dormir preocupada, dormia mal, sonhava com um perseguidor, acordava cansada e sem disposição. Chegava sempre atrasada no serviço. Perguntei se ela sonhava sempre com o perseguidor. Disse que sim, que já havia sonhado com isso várias vezes. Toda vez ela está em um banheiro e ele a observa. Perguntei se ela queria desenhar o perseguidor e disse que não. Então pedi que me dissesse que lugar era o banheiro pra ela, disse que era o lugar onde se fica à vontade, de despe, faz necessidades e fica sozinha. Disse que mesmo no banheiro não costuma ficar muito sem roupa. Não conseguimos desenvolver o assunto. Perguntei se ela tem sonhado, disse que semana passada sonhou que estava numa chácara colhendo laranjas maduras. Sonhou num outro momento que tirava macaxeira com o irmão mais novo, eles tiravam as raízes que eram profundas e depois tiravam as cascas. Disse que está rezando para que Deus tenha misericórdia de seu colega merendeiro. Ele tirou uma licença médica semana passada e ainda não voltou ao trabalho.

21^a – 01/10/2003

Chegou dizendo que estava bem, a semana havia sido normal com exceção de ontem, que teve que retirar uma criança do portão da escola para que ela não se machucasse e a criança na hora fez um escândalo como se ela tivesse machucado-a. Disse que estava sentindo uma dor no pescoço e não sabia se tinha relação com a criança de ontem. Disse

que havia dormido bem. Perguntei sobre o merendeiro, ele voltou a trabalhar e hoje foi aniversário dele e, como ele havia pedido antes do incidente entre os dois, ela comprou algo no mercado e levou pra ele. Está lhe tratando com respeito mas não quer muita intimidade com ele. Perguntei o que ele havia feito para ela. O que ele fez contra ela foi querer que ela fizesse a vontade dele, da forma como ele queria. Perguntei se ela queria trazer algo novo. E ela contou três sonhos. No primeiro, estava num lugar verde, colhendo maçãs com o irmão e ela comia a maçã com bastante vontade, havia uma cerca ao redor e seu irmão dizia uma frase que tinha o sentido de que aquilo que eles estavam fazendo era proibido. Perguntei pra ela como era trabalhar com seus sonhos e ela disse que os traz porque talvez consiga compreendê-los, algumas pessoas dizem que os sonhos são proféticos. Contou sobre o sonho dos ladrões que havíamos trabalhado, ela compreendeu posteriormente que o que os ladrões queriam roubar era a pureza sexual dela e de seu namorado. Eles fizeram um acordo de só ter relações sexuais após o casamento. E que as pessoas queriam tirar isso deles. Disse que se sentia desrespeitada em sua opção sexual. Perguntei como era pra ela essa opção sexual. Disse que é difícil, que é necessário ter um limite no namoro onde possam dizer um para o outro pra parar e então eles param de namorar. Disse que consegue falar com o namorado sobre a questão sexual. Disse também que desde criança seus pais falavam que ela deveria se manter virgem até o casamento. Perguntei se ela tinha tomado essa decisão pela religião ou por seus pais e ela disse que era em função do que seus pais diziam e concluiu que seria melhor ter relações sexuais após o casamento do que transar com vários homens antes do casamento.

2º Caso – Mônica

Características da pesquisada: 25 anos, 2º grau completo, cabeleleira, solteira. Residia em SP com os pais e irmãos. Aos 12 anos de idade seus pais se separaram após o pai ter traído a mãe, o pai saiu de casa e a mãe entrou em depressão, Mônica assumiu a função de cuidar da mãe e dos irmãos bem como administrar a casa. Há três anos mudou-se para Brasília. Morou a principio na casa de sua sogra e mais recentemente decidiu morar sozinha. Procurou a terapia inicialmente por estar em depressão, faz uso do medicamento Prozac.

Situação de atendimento: A paciente já estava em processo psicoterápico com sua atual terapeuta desde o primeiro semestre de 2003. No ano passado foi acompanhada por outra terapeuta na própria clínica do UniCEUB com quem deu início à sua terapia e realizou 21 sessões. Para o estudo de caso foram selecionadas suas últimas sessões de atendimento.

27ª ss – 06/06/2003

Contou que escreveu uma carta para a família toda pedindo que eles lhe ligassem, dizendo que sentia a falta deles. Disse que seu pai havia ligado pra ela, foi o único que respondeu sua carta. Percebeu que ele teve bastante dificuldade em falar com ela, mas estava se esforçando. Ficou feliz, ao mesmo tempo, disse que isso não era suficiente pra suprir sua carência. Então decidiu visitar sua família em S.P. Está pretendendo se aproximar de sua mãe, pois desde que disse à mãe que cuidasse por si mesma dos filhos sua mãe não ligou mais pra ela.

Percebeu que pode estar fantasiando uma família feliz, idealizada, em detrimento da real.

Pedi que colocasse numa folha as características positivas e negativas de seu pai e de sua mãe.

28ª ss – 13/06/2003

Chegou à sessão dizendo que havia sido muito difícil fazer a atividade já que seu pai não tinha mais qualidades.

Colocou uma lista de qualidades do pai antes de sua falência financeira e uma lista mínima atual. Colocou também seus defeitos. Sobre a mãe, citou algumas qualidades e alguns defeitos, mas comentou muito sobre os defeitos da mãe falando pouquíssimo de suas qualidades. Em certo momento da sessão, falando sobre as características do pai, tapou com a mão todas as suas características atuais deixando à vista somente as antigas, dizendo que aquele era o pai do qual ela se lembrava.

Disse que procura encobrir os defeitos dos pais para os irmãos a fim de que eles não sofram como ela sofreu. E contou sobre uma lembrança muito positiva que tem da relação com o pai. É uma cena no bondinho, no Rio de Janeiro, onde estava sentada com o pai e, na

frente deles, havia um casal de americanos. Seu pai começou a conversar com eles em inglês, ele não lembrava como se dizia engenheiro e Mônica disse Engineer, pai. Neste momento se sentiu muito feliz e valorizada tanto por auxiliar o pai como por falar inglês de verdade – sua sensação.

29^a ss – 29/08/2003

Disse que a viagem que fez à S.P. foi muito boa e melhorou sua relação com os pais. Seu pai está ligando de 15 em 15 dias, quando antes custava a ligar até no seu aniversário.

Contou que o namorado vai pra S.P. procurar emprego quando terminar a faculdade. Ele vai morar com o pai. E ela não vai porque não vai ter como se sustentar por lá. Diz que está priorizando seus planos. Talvez não consiga fazer a faculdade no início do próximo semestre como vinha planejando e precise adiar por 6 meses seus estudos pois está faltando dinheiro. Ela está contendo seus gastos.

Na última ida do namorado à S.P. ela sentiu saudade e numa noite se encheu de travesseiros na hora de dormir. Ao contar isto ao namorado no dia seguinte, ele disse que havia sido fácil substituí-lo. Mônica disse ao namorado que, se ele conseguir se estabelecer em S.P. ela vai pra lá, mas na realidade não vai, pois não quer ficar perto de Bruno que trabalha lá. Bruno é a pessoa com quem traiu seu namorado. E acredita que continua a traí-lo quando recebe e se comunica por e-mail e telefone com ele, como tem feito. Mas a traição não é física, e isso pesa menos. Disse que se percebeu egoísta com Bruno porque não tem como retribuir a atenção que ele lhe dá.

30^a ss – 05/09/2003

Chegou dizendo que eu podia apagar metade da sessão passada. Isso porque ela chegou a conclusão de que estava tentando se convencer de que não devia satisfação alguma ao namorado, que traição não era algo ruim se ela estivesse bem. Durante a semana, conversando com uma amiga, combinavam de sair juntas e a amiga disse que uma outra colega casada iria também com o amante. Ela achou um absurdo e de repente, se tocou de que, se é absurdo para os outros também é pra ela mesma. Disse que dentro dos seus valores a traição não é algo bom, é desrespeitoso, e o que ela deseja é constituir uma

família unida, que viva feliz apesar das dificuldades. Chegou à conclusão de que não vale à pena ficar com Bruno, ele não é atraente o suficiente porque se fosse, ela já teria abandonado o namorado quando o traiu com Bruno. Chegou a conclusão de que o que sente por Bruno é carinho, ele foi muito afetuoso com ela quando estava carente, mas hoje ela não precisa mais disso. Bruno queria que ela ligasse pra ele no dia do seu aniversário mas ela decidiu que só mandaria um feliz aniversário pra ele através de sua amiga.

Falou sobre a reconciliação com o pai e sobre a compreensão de que por ter Lupus ele deixou de fazer muitas coisas e que hoje não deixaria mais de tomar seu sol, sua cerveja e as outras coisas que gosta de fazer porque prefere viver pouco e feliz do que viver anos sem fazer o que gosta.

31^a ss-13/09/2003

Chegou dizendo que não tinha nada pra trabalhar. Perguntei sobre o Bruno e ela disse que realmente pediu pra amiga que mandasse seus parabéns pra ele por telefone. E isso não foi difícil pra ela, ela não sentiu falta de seus telefonemas, de suas mensagens e etc.

Manteve os olhos baixos focando nos óculos que movimentou bastante, principalmente até a metade da sessão.

Disse que havia se lembrado de um assunto que já há algum tempo ela queria tratar mas que ficava adiando. Tem percebido que em situações onde as mães paparicam os filhos e eles não reconhecem ela fica extremamente irritada pela falta de agradecimento dos filhos. Isso ocorreu com a filha da tia de seu namorado que não quis ficar em casa comemorando o aniversário depois que a mãe já havia preparado a festa. Também em seu trabalho às vezes se estressa com as clientes quando falam sobre os filhos. Sobre o namorado contou uma situação em que disse que seria um absurdo ele pedir à mãe que pagasse sua academia sendo que está devendo o dinheiro da moto que sua mãe pagou pra ele, sem falar que a mãe dele está alugando o apartamento pra ela pela metade do preço para ajudá-los.

Disse que tem controlado indiretamente a vida da mãe e dos irmãos para que eles não sofram como ela sofreu. Então, se deu conta de que não deixou de ser a mãe de sua mãe e de seus irmãos como vinha pensando conseguir fazer.

32ª ss – 26/09/2003

Desde a semana passada ficou bastante triste, sem vontade de ir trabalhar, desejando acordar doente par poder ficar em casa, afastada das pessoas, sozinha. Desde o dia 08 de setembro que ninguém da família dela ligou ou mandou carta. Ela sentiu muita saudade e na sexta-feira da semana anterior mandou uma carta pra mãe pedindo que eles lhe ligassem ou escrevessem. Só sua irmã é que mandou uma carta, mas desqualificou essa carta porque o resto da família não respondeu. Disse que o pai estava pensando em vir à Brasília para ficar uma semana na casa dela. Mas ele tem uma série de coisas pelas quais não pode vir, no momento, a mulher do pai vai fazer uma cirurgia delicada. Ela acha que ele deve estar presente durante a cirurgia, mas o pai lhe disse que talvez possa visitá-la na metade do próximo ano. Ela está com muita vontade de ver a família e está sentindo que é ela que sempre tem que esperar. Chorou bastante. Disse que antigamente ela esperava o carinho dos pais e agora ela pede carinho. Perguntei como ela se sentia ao pedir carinho. Pedir carinho não dói, o que dói é pedir e não receber. Disse ficar muito orgulhosa do desenvolvimento dos irmãos. Atualmente, está se segurando pra não se oferecer pra coordenar a festa de casamento da irmã. Apesar disso, está muito feliz de vê-la preparar o casamento.

Pedi que dissesse quem cuida dela atualmente. Falou do namorado, da mãe do namorado e da Luciana, a secretária do psiquiatra que ia deixar uma receita do seu medicamento e acabou deixando pra ela uma amostra grátis do medicamento, no valor de 70 reais. Coloquei que ela não havia conseguido todo o cuidado que desejava dos pais mas que havia conquistado o carinho de outras pessoas. Disse que sua sensação é que eles fariam isso por qualquer pessoa e não especialmente por ela. Pedi que ela refletisse sobre o valor que tem dado ao cuidado dessas pessoas.

33ª ss – 03/10/2003

Diz que tem percebido sua necessidade de contar sua história e não sabe porquê. Ao se colocar na pele dos que a escutam diz que sentiria pena mas que não gostaria de ouvir isso. Antigamente, as pessoas que não a conheciam a achavam esnobe, metida. Coloquei que, se ela se aproxima os outros sentem pena, se se distancia a acham metida. Passou a

falar de sua família, da culpa que sente por ter colocado o pai para fora de casa, de tê-lo xingado. Sente-se magoada por ter deixado de viver sua vida pra cuidar da família. Pedi que colocasse num papel as pessoas que hoje são importantes para ela. Colocou o namorado em 1º lugar, enfatizando que ele é sua esperança de formar uma família feliz. Depois colocou os nomes da tia do namorado, da mãe do namorado, do irmão, da irmã, da mãe e do pai. Demorou cerca de vinte minutos para colocar no papel todas as pessoas colocando por último sua família.

Discussão

A partir do presente momento passa-se a análise crítica, construtiva e interpretativa dos estudos de caso, levando-se em consideração o referencial teórico existente sobre emoções em Análise Transacional, conforme o proposto na metodologia. Os estudos de caso serão analisados em separado num primeiro momento e posteriormente em conjunto.

1º caso

Monique veio à terapia inicialmente tratar sua depressão e atualmente tem trabalhado sua autonomia no sentido de assumir sua vida, planejar o futuro e construí-lo desde o presente.

Criada numa família onde o pai era autoridade quase absoluta da casa e impunha sua vontade aos demais, Monique cresceu num ambiente onde teve pouca oportunidade de expressão legítima, inclusive emocional, assumindo uma postura passiva e submissa na família que complementava o papel de seu pai ou de seus pais. Dessa maneira, quando criança, Monique ia tomar a bênção dos pais e para isso estendia a mão esquerda, já que era canhota, levando um tapa na mão estendida e passando a dar a mão direita para tomar a bênção. Mais tarde, mesmo sabendo que era canhota, aprendeu a escrever com a mão direita. Em termos de estados de ego pode-se dizer que Monique atua predominantemente na Criança Adaptada Submissa, aquela que atua obedientemente no sentido de atender aos pais.

Chama a atenção o fato de que sua mão esquerda era a mão com função predominante, era a primeira a atuar naturalmente, antes mesmo que Monique pensasse em utilizá-la. E apesar de toda facilidade em usar a mão esquerda ela relata ter dado a mão direita para tomar a bênção e a ter aprendido a escrever com a mesma mão, o que torna possível refletir sobre o quanto de si mesma Monique renunciou a fim de agir da forma como seus pais desejavam. Ela parece ter renunciado sua espontaneidade de ação, sua liberdade, bem-estar e facilidade nos movimentos.

Sua dificuldade de expressão não ocorria somente em casa, mas desde pequena Monique já percebia sua dificuldade de expor o que queria e achava na escola, na igreja, e em outros contextos. Tinha dificuldade, por exemplo, para apresentar seus trabalhos. Nos

últimos tempos Monique tem percebido maior facilidade para se expressar e expor, o que a deixa muito feliz não obstante ainda possua alguma dificuldade.

Atualmente, aos 40 anos de idade, Monique demonstra valorizar grandemente as orientações e opiniões de seus pais tais como a crença de que a mulher não deve ser atirada, tomar a iniciativa e deve se casar virgem. É perceptível sua dificuldade em expressar um questionamento direcionado aos pais, mesmo estando dentro do consultório, uma vez que esta atitude parece soar como falta de respeito para a cliente.

É possível que essa dificuldade se dê em grande parte por Monique ter aberto mão de expressar suas ações, seus pensamentos e seus sentimentos em detrimento do dos pais, como uma forma de alienação que lhe possibilita dar toda autoridade aos pais e assumir as suas orientações em sua vida de forma inquestionável. Isto dá sinais de que seu estado de ego Pai é Crítico possuindo valores bastante rígidos que impossibilitariam sua atuação na Criança Livre quanto a sentir e expressar emoções autênticas e gozar a vida, assumindo portanto o estabelecimento de um padrão de adaptação na Criança bastante submisso. Em termos de estado de ego Adulto percebe-se sua dificuldade em refletir de forma independente sobre os acontecimentos da realidade. Assim, as orientações, crenças e opiniões paternas seriam muitas vezes as dela, uma vez que ela parece ter aprendido a abrir mão daquilo que pensa, sente e age. Contudo, seus pais a orientariam e caberia a ela o cumprimento dessas orientações, a função de atender as expectativas parentais, sendo estas bastante exigentes. Possivelmente advenha daí o seu medo de errar ao ser observada, como se os seus pais internos a observassem a fim de que ela faça aquilo que eles desejam, ocorrendo, caso contrário, alguma espécie de punição.

É interessante notar como os momentos de transição em sua vida foram marcados por episódios que tiveram para Monique conotações de dor, dificuldade ou sofrimento. Isso pode ser observado quando ela ganhou seu primeiro livro para ir a escola ficando muito animada e em seguida levou uma surra do pai, que ela relata como um “banho de água fria”, outro momento foi durante sua alfabetização quando teve que aprender a escrever com a mão direita. Posteriormente, ao fazer a prova de habilitação para ser motorista foi reprovada por algumas vezes e, ao decidir prestar a prova do vestibular foi atropelada vindo em seguida a ter problemas de saúde. Pode-se suspeitar de que sua Criança Adaptada

Submissa não se sinta autorizada a crescer, a se desenvolver na vida ou ainda que o seu crescimento implique num alto grau de sofrimento.

Alguns episódios em sua vida como o do merendeiro e da criança que ela retirou do portão da escola parecem ter-lhe remetido à mesma situação vivenciada em casa no sentido de que essas pessoas tinham uma opinião e vontade formadas e Monique parece ter tido a sensação de que deveria acatá-las. O diferencial é que estando fora de casa Monique parece ter dado mais valor aos seus próprios pensamentos, sentimentos e vontades, expressando-os e agindo da maneira que acreditava ser conveniente. Contudo, a forma como essas situações a incomodaram e ocuparam seus pensamentos, sendo inclusive trazidas à terapia, possibilita pensar que Monique tenha se sentido culpada por agir de acordo com sua própria vontade, contrariando a vontade de outros. É o que pode ter ocorrido no hospital quando disse que se não abrissem um novo prontuário para ela não voltaria mais, tendo em seguida começado a chorar. O fato de estar atualmente morando juntamente com os pais pode estar potencializando o aspecto crítico de seu estado de ego Pai, que vem a ficar menos exigente quando Monique está distante dos pais reais, dando maior liberdade à sua Criança.

Foi possível identificar em Monique duas emoções que, pela teoria da Análise Transacional seriam disfarces, são elas: o medo e a depressão.

O medo que a princípio seria tido como uma emoção autêntica, parece ser vivenciado em algumas situações por Monique como emoção disfarce. Isso ocorreria em relação ao seu medo de errar ao ser observada, em relação ao medo de casar por seus pais, já que se sente cobrada por ser a única filha solteira, e não estar casando por ela mesma, por sua própria vontade. Essa emoção disfarce pode ser assim denominada por ser uma emoção com origem no passado e não no aqui-e-agora que está se perpetuando até o presente momento. Assim, por um lado, o medo seria uma emoção limitadora no sentido de que dificultaria suas atuações, pois, caso ela erre, pode vir a ser punida. E, por outro lado, o medo possibilita que Monique permaneça submissa a vontade dos pais, sem questionar suas orientações uma vez que sua realidade estaria reduzida aquela que seus pais lhe apresentaram.

Também a depressão por si só é considerada um disfarce da Criança Adaptada Submissa, um disfarce construído. É significativo atentarmos para o momento em que Monique relata que a depressão teve início, logo após ter sido impedida de comprar sua tão

sonhada casa própria pela alegação de que ela não possuía dependentes. Nesse momento relatou se sentir triste e, analisando sua história, esse episódio da casa trouxe a tona o seu desejo de se casar e ter filhos, de ter sua própria família, e ao mesmo tempo, possibilitou que ela percebesse que continuava vivendo em função dos pais, ainda que agora eles não cuidassem mais dela como uma criança, ela cuidava deles que estavam idosos. Parece que uma vez diagnosticada como em depressão, Monique foi capaz de sentir e expressar seus sentimentos autênticos para si mesma, talvez porque estando depressiva seu estado de ego Pai não a recriaria nem a puniria, uma vez que esse foi o único momento em que ela relatou sentir raiva do pai durante sua infância.

De modo geral, percebe-se que Monique tem vivido em grande parte a vida que conforme ela acredita, seus pais desejaram para ela. Muitos de seus sentimentos e pensamentos parecem ter sido desconsiderados por ela mesma durante um longo período de sua vida, sendo poucos os instantes em que demonstra ter consciência do que sente e pensa. A depressão parece ter sido um episódio particularmente importante em sua vida, onde ela teve permissão para observar seus sentimentos negativos em relação ao pai e dar voz aos mesmos, opondo-se a ele. Cabe ressaltar aqui que a depressão é considerada um disfarce em Análise Transacional, disfarce que é construído quando há impossibilidade de expressão de emoções autênticas e o que se observa aqui é justamente o contrário, é a depressão que possibilita a expressão de emoções autênticas que haviam sido reprimidas.

Monique atualmente continua lutando a fim de ter maior clareza do que deseja para sua vida, de seus próprios sentimentos e de pensamentos produzidos pela reflexão de sua realidade. Tem se esforçado no sentido de se perceber melhor e poder se expressar.

2º caso

Mônica reside em Brasília há três anos, trabalha diariamente e com seu salário sustenta-se. Seu contato com sua família em S.P. é esporádico e sentido como insuficiente, motivo pelo qual ela tem pedido que seus familiares liguem ou escrevam para ela. Diz sentir-se muito carente afetivamente, especialmente no que se relaciona a sua família.

Seu pai parece ter especial significado em sua vida, é com ele que ela vivencia a cena infantil do bondinho que traz como uma boa lembrança, é dele o carinho que ela recebe e sente como insuficiente diante de sua carência. Ele é o homem que ela descreve

como tendo uma lista de qualidades passadas as quais ela insiste em fantasiar que são atuais. Enfim, ele é uma pessoa que se destaca para ela na família.

É interessante notar como mesmo pedindo a família que ligue ou escreva para ela, o fato de receber uma carta da irmã é desvalorizado, como se a irmã não fizesse parte da família. Entre as respostas do pai e da irmã percebe-se que Mônica considera a ligação do pai apesar de perceber-la como insuficiente, já a carta mandada pela irmã é desconsiderada, desvalorizada.

A carência afetiva que Mônica alega sentir, especialmente relacionada a sua família, sugere uma insatisfação em termos de afeto, de amor, que pode ter origem remota, talvez em sua infância. Diante de tal carência afetiva a cena vivida no bondinho com o pai ganha relevância, em especial, quando se atenta para o fato de que ela se sentiu feliz e valorizada pelo pai ao auxiliá-lo falando inglês. É possível que, durante esse acontecimento, ao se sentir valorizada, ela tenha inconscientemente descoberto a fórmula da valorização - o auxílio ao próximo, o fato de ser útil. Isto tornaria compreensível o cuidado que ela teve com os irmãos, a mãe e a casa quando sua mãe esteve em depressão, bem como a fantasia de controle de Mônica no sentido de que atualmente controla indiretamente a vida da mãe e dos irmãos lá em S.P mesmo morando em Brasília, como se eles não tivessem condições de administrar a própria vida, ou ainda a fantasia de que ela consegue encobrir os defeitos dos pais para que os irmãos não sofram como ela sofreu.

Entendendo que o valor de Mônica está no auxílio que ela presta as pessoas, e que o seu interesse é ser valorizada pela família e por isso a auxilia tanto, Mônica deve ter uma grande decepção (consigo mesma ou com a família) uma vez que verbaliza que esperava o carinho dos pais e como não recebia, ela agora pede carinho. E mais, verbaliza ainda que o que dói não é pedir carinho, mas pedir e não receber. A fim de auxiliar a família Mônica precisou desenvolver papéis ativos e independentes, dessa maneira, é possível que o fato de pedir carinho por si só já seja doloroso para ela.

Pode-se dizer que em termos de estado de ego Mônica atua na Criança Adaptada uma vez que sua ação parece estar orientada pela conquista de reconhecimento através do auxílio, da utilidade que ela tem para outras pessoas. Dessa maneira, sua atuação oscila entre a Criança Adaptada Submissa quando seu auxílio vai de encontro às expectativas e necessidades parentais internas, tendo maior chance de obter o reconhecimento alheio pelas

pessoas de sua convivência, e em outros momentos atua na Criança Adaptada Rebelde uma vez que contraria as expectativas parentais internas a fim de continuar sendo útil para a família, ainda que para isso assuma uma postura de desqualificação da capacidade dos demais, o que inclusive pode provocar uma oposição a Mônica.

Ao relatar que as pessoas que atualmente cuidam dela fariam isso por qualquer pessoa e não especialmente por ela, fica explícita uma desqualificação dela mesma, como se não merecesse o cuidado de outros, o que pode estar relacionado intimamente a percepção que desenvolveu de si mesma na família.

Outra percepção de Mônica que parece embasar essa sensação de menos-valia se dá quando ela percebe sua necessidade de contar sua história a outras pessoas e, ao se colocar no lugar daqueles que a escutam, diz que sentiria pena, mas que não gostaria de ouvir isso. É possível que ela sinta pena de si mesma e utilize esse sentimento no intuito de manipular as pessoas ao seu redor, de ter atenção e afeto das mesmas. É possível que ela faça isso com a própria família ao perceber que todo seu esforço no sentido de auxiliá-los e obter reconhecimento está sendo vão. Cabe então refletir sobre o sentimento de pena. A pena é um sentimento que retira a dignidade do ser humano no sentido que extrai dele sua capacidade de lidar com a própria vida, aquele que sente pena do outro pode vir a se sentir impelido a fazer alguma coisa pelo outro, mas parece não acreditar que o outro é capaz de sair de sua condição indigna. Dessa maneira, ao pedir carinho a família e receber alguma espécie de afeto, este tende a ser sentido como insuficiente, por ser um carinho, uma atenção proveniente de pena e não de um gostar, admirar sincero.

A depressão de Mônica pode ser um sintoma de sua falta de perspectiva diante da percepção do fracasso de sua estrutura de auxílio na obtenção de reconhecimento. Parece ser necessário que ela construa um novo significado sobre seu valor próprio perante o mundo.

Diante da sensação de falta de atenção e reconhecimento pela família, a expressão de Mônica de que fica irritada ao perceber filhos que são cuidados pelos pais e não agradecem esse cuidado pode trazer a tona um desejo de receber de sua família o cuidado que outros filhos recebem, o que pode fazer com que ela se confronte com uma sensação de desamparo. Por outro lado, essa irritação pode advir de uma compreensão de que ela cuidou

da família como se os irmãos e a própria mãe fossem seus filhos, sendo ela a mãe, e não obstante todo o cuidado, ela não obteve reconhecimento, agradecimento da família.

Mônica diz sentir-se orgulhosa ao perceber o desenvolvimento dos irmãos. Em seguida relata que gostaria de coordenar a festa de casamento da irmã, o que dá a entender que, na realidade, está se sentindo excluída de um momento que considera significativo, uma vez que independentemente do auxílio e da valorização de Mônica, sua irmã tem conseguido programar e organizar a festa de casamento de forma independente.

Outros sentimentos relatados por Mônica em relação à família são a culpa por ter colocado o pai para fora de casa e a mágoa por ter deixado de viver sua vida para cuidar da família.

Em relação à culpa por ter colocado o pai para fora de casa, cabe dizer que ele já estava separado da mulher. Nesse período Mônica tomava conta da casa, da mãe em depressão e de seus irmãos menores, era uma adolescente. Seu pai chegou em casa bêbado, provocando confusão, ao que Mônica o pôs para fora de casa a fim de defender a família. Contudo, a pessoa que ela estava colocando para fora de casa era seu pai, era uma das pessoas que até algum tempo atrás tomava conta da casa e era aquele que ainda sustentava financeiramente todos eles. Mônica estava assumindo uma função de cuidadora e defensora da família. Não ficou claro quanto tempo após a separação ocorreu esse episódio, mas é provável que tenha sido logo após a separação, quando os ânimos ainda estavam bastante exaltados na família.

Já em relação à mágoa por ter deixado de viver sua vida para cuidar da família, esse cuidado foi necessário durante o período em que sua mãe esteve de cama, contudo, mesmo após o período em que sua mãe se recuperou Mônica insistiu em continuar cuidando da família, como um meio de obter o seu reconhecimento e valorização, e parece não o ter obtido, motivo pelo qual veio a acreditar que teria sido mais bem sucedida se tivesse cuidado de sua própria vida.

Em relação aos seus relacionamentos amorosos é válido ressaltar que Mônica já namora há quase quatro anos com seu namorado, não tem a intenção de acompanhá-lo se ele se mudar de cidade, mesmo para S.P., sua terra natal. Ao mesmo tempo, diz que ele é sua esperança de constituir uma família unida e que viva feliz apesar das dificuldades. Disse sentir saudade do namorado quando ele viajou e como o namorado bem observou,

parece ter sido fácil substituir sua ausência por travesseiros. A fala de Mônica é bastante controversa em relação ao namorado, verbaliza que deseja constituir uma família unida e ao mesmo tempo diz se recusar a acompanhá-lo mudando de cidade.

Outra colocação de Mônica para não acompanhar o namorado é o fato de não requer estar perto do homem com quem o traiu, apesar de naquele momento ter a sensação de que continuava a traí-lo via e-mail e telefone com a mesma pessoa. Chama a atenção o período prolongado que Mônica utilizou na terapia para falar sobre Bruno e a forma entusiasmada que falava sobre ele, isso em detrimento das pequenas e contraditórias considerações que fazia sobre o namorado. Parece que isso se refletiu de tal modo em meu próprio trabalho, uma vez que tomei consciência de que havia dado um nome fictício a pessoa com quem ela traiu o namorado e não havia dado nome ao próprio namorado. Talvez isso expresse seu entusiasmo e o valor que deu a uma e outra pessoa. E o curioso é perceber como, apesar desse entusiasmo, Mônica optou por dar fim a relação que vinha mantendo com Bruno, uma vez que considerou que apesar de sentir carinho por Bruno ele não é atraente o suficiente para que ela fique com ele. Alegando ainda que a traição é algo que vai contra os seus valores, é desrespeitoso, apesar de ser algo presente em sua vida, sendo ela mesma a traidora e, curiosamente, sentindo-se devedora afetiva em termos de carinho não com o namorado traído, mas com Bruno.

Vale notar que em momento algum Mônica relatou o que sente pelo namorado. É possível que ela esteja usando-o para construir sua família feliz sem ter questionado que espécie de família feliz seria essa, que espécie de relação conjugal ela envolveria. E o fato de estar usando o namorado para realizar seu sonho pode estar sendo visto de modo bastante pertinente uma vez que ela se sente valorizada por ser útil para outras pessoas.

A confusão afetiva em relação a Bruno e o namorado são de tal ordem que, se numa sessão Mônica gasta muito tempo falando sobre Bruno, na sessão seguinte pede que eu esqueça tudo que ela disse, como se estivesse arrependida de sua fala, passando a reconsiderar sua relação com o namorado. Crema (1985) apresenta a confusão como um disfarce, o que pode ser considerado assim no caso de Mônica uma vez que a confusão propicia que ela se relacione de forma insatisfatória com duas pessoas, e, enquanto ela for mantida, não haverá necessidade de olhar para os seus próprios sentimentos e entrar em contato com eles.

Uma característica marcante em Mônica é a facilidade com a qual ela fantasia sua vida em detrimento da realidade. É o que ocorre quando ela insiste em lembrar do pai com suas características passadas em detrimento das atuais, ou quando ela imagina estar controlando a vida da mãe e dos irmãos que moram em S.P. aqui de Brasília. Ou ainda quando acredita que consegue impedir que os irmãos percebam e venham a sofrer com os defeitos dos pais.

Essa fantasia é também um aspecto próprio da Criança Adaptada uma vez que está sendo útil no sentido de negar sua realidade e evitar o sofrimento que ela traria e, ao mesmo tempo, proporcionar uma ilusão de vida, onde é possível desenvolver emoções disfarces tais como a pena por si mesma e o orgulho dos irmãos. Nesse sentido, seria útil favorecer o enfrentamento da realidade, já que seu estado de ego Adulto parece estar contaminado pela Criança, o que traria a tona emoções autênticas, embora dolorosas, produzindo modificações mais eficazes na vida de Mônica do que se optássemos por trabalhar os sentimentos disfarces, sentidos como reais, advindos de suas fantasias.

Ambos os estudos de caso apresentam aspectos emocionais bastante relevantes para o processo psicoterápico, cada qual a sua maneira. Foi possível identificar em cada um as repetições emocionais que se expressam de maneira similar, as quais denominamos disfarces. É válido ressaltar que a estruturação dos disfarces se dá de forma bastante singular na história de cada indivíduo, trazendo em si benefícios e limitações à história de vida do sujeito. Após sua identificação, o caminho a ser trilhado para o abandono dos disfarces mostrou-se bastante singular para cada caso, contudo, foi possível notar em ambos os casos que o processo terapêutico seria bastante útil no sentido de auxiliar cada pessoa a realizar uma avaliação crítica da realidade, seja com o intuito de construir crenças e valores próprios ou de favorecer a vivência da realidade em detrimento da fantasia.

Conclusão

Após a realização da monografia e considerando os objetivos gerais e específicos propostos na fundamentação teórica, passaremos a analisar o desenvolvimento do presente trabalho realizando suas considerações finais.

Foi possível enquanto pesquisadora e psicoterapeuta identificar ao longo dos estudos de caso disfarces próprios de cada pessoa bem como as limitações e os benefícios advindos dos mesmos, refletindo em termos da história de vida de cada sujeito. Também a reflexão sobre o conflito intrapsíquico entre estados de ego foi viável possibilitando uma análise mais aprofundada em termos de estruturação do próprio disfarce. Ao longo da discussão de cada estudo de caso foram feitas sugestões de trabalho psicoterápico específicas considerando a estruturação do disfarce em termos de estados de ego, o que teve como intuito a estimulação do acordo entre os mesmos e o incentivo da expressão de emoções autênticas. Assim, pode-se considerar que foi possível alcançar os dois objetivos específicos propostos inicialmente, quais sejam: Identificar na relação terapêutica os disfarces, bem como as limitações e os benefícios advindos do mesmo, e; Observar o conflito intrapsíquico, entre os estados de ego, no qual está envolvido o disfarce. Já em relação aos dois últimos objetivos específicos, não foi possível alcançá-los na prática de atendimento, contudo, as sugestões realizadas durante a discussão podem ser vias de acesso para o atingimento dos seguintes objetivos: Estimular o acordo intrapsíquico entre os estados de ego, e; Incentivar a expressão da emoção autêntica.

Em relação ao objetivo geral de Favorecer o abandono do disfarce e a expressão de emoções autênticas, conclui-se que não foi possível, na prática, estimular e observar esse processo de mudança. Uma dificuldade considerável no alcance desse objetivo foi a inexistência teórica de referência que embasasse de modo estruturado e consistente esse processo de desenvolvimento no referencial de Análise Transacional, uma vez que a literatura disponível somente propõe passos como que em forma de receita de bolo para o abandono do disfarce e a expressão de emoções autênticas.

Através da realização desta monografia foi possível ter uma compreensão prática dos motivos pelos quais a abordagem de Análise Transacional encontra dificuldades em ser aceita pela academia. Além da linguagem simples utilizada em sua literatura, as referências bibliográficas são em sua maioria antigas, faltam publicações recentes e atualizadas na área,

existem lacunas na teoria como é o caso desse processo de desenvolvimento do disfarce para a emoção autêntica. Além de que há pouca literatura disponível para consulta tanto em termos de livros como de artigos. Há ainda a dificuldade de que algumas literaturas encontradas não possuem referência para citação bibliográfica. Enfim, todos esses aspectos parecem dificultar a divulgação escrita dessa abordagem, e necessitam ser reconsiderados a fim de que os estudos nessa abordagem possam ser aprofundados e ela venha a conquistar seu espaço no meio acadêmico. Cabe ressaltar que Brasília possui um grupo de psicólogos com formação bastante consistente em Análise Transacional, com condições de estar produzindo e publicando material nessa área. Fica aqui a sugestão.

Referências Bibliográficas

AGUILAR, L. **Análise Transacional**. Guia prático para o auto conhecimento. Lisboa: FIM DE SÉCULO, 1999.

BERNE, E. **Análise Transacional em psicoterapia**. São Paulo: SUMMUS, 1985.

CARACUSHANSKY, S. R. **Curso avançado de Análise Transacional de base psicanalítica**. São Paulo: ASSERTIVA. 1988.

COBRA, R. Q. **Eric Berne, o criador da Análise Transacional**. Retirado em setembro de 2003. www.cobra.pages.hom.br/ecp-ericberne.html. Brasília.1998.

CREMA, R. **Análise Transacional centrada na pessoa... e mais além**. 2. ed. São Paulo: ÁGORA, 1985.

CREMA, R. **Manual de Análise Transacional**. 4. ed. Brasília: TELEDATA, 1982.

GAY, P. **Freud**. Uma vida para nosso tempo. São Paulo: COMPANHIA DAS LETRAS, 1989.

GONZALEZ, R. **Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios**. São Paulo: PIONEIRA THOMSON LEARNING, 2002.

GOULDING, M & GOULDING, R. **Ajuda-te pela Análise Transacional**. A arte de viver bem com a terapia da redecisão. 4. ed. São Paulo: IBRASA, 1985.

HARRIS, T. **Eu estou OK, você está OK**. 8.ed. Rio de Janeiro: RECORD, 1997.

KERTÉSZ, R. **Análise Transacional ao vivo**. 3.ed. São Paulo: SUMMUS, 1987.

OLIVEIRA, M. G. **Reflexões sobre Eric Berne**. 1980.

PEDREIRA, A. **A hora e a vez da competência emocional**. Levando inteligência as emoções. 2. ed. Salvador: CASA DA QUALIDADE, 1997.

SPINK, M. J. **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**. Aproximações teóricas e metodológicas. 2. ed. São Paulo: CORTEZ, 2000.

STEINER, C. & PERRY, P. **Educação emocional**. Um programa personalizado para desenvolver sua inteligência emocional. Rio de Janeiro: OBJETIVA, 1998.

Anexos

Anexo I
Desenho do futuro (Monique).

Anexo II
Qualidades e defeitos dos pais (Mônica).

Anexo III

Pessoas importantes em minha vida (Mônica).